



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

# A pedagogização de corpos a partir do *body modification*: produzindo feminilidades

Josiane Vian Domingues

Dra. Méri Rosane Santos da Silva

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA  
VIDA E SAÚDE

**A PEDAGOGIZAÇÃO DE CORPOS A PARTIR DO *BODY MODIFICATION*:  
PRODUZINDO FEMINILIDADES**

Josiane Vian Domingues

Orientadora:  
Méri Rosane Santos da Silva

RIO GRANDE  
2010

Josiane Vian Domingues

**A PEDAGOGIZAÇÃO DE CORPOS A PARTIR DO *BODY MODIFICATION*:  
PRODUZINDO FEMINILIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Méri Rosane Santos da Silva.

RIO GRANDE

2010

D671 Domingues, Josiane Vian

A pedagogização de corpos a partir do *body modification*: produzindo feminilidades / Josiane Vian Domingues ; orientadora Profª Drª Méri Rosane Santos da Silva . – 2010.

100 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde, Rio Grande, RS/2010.

1. Educação. 2. Feminilidade. 3. Aspectos sociais.  
4. Aspectos culturais. 5. Técnicas de *body modification*.  
I. Silva, Méri Rosane Santos da.

CDU 37.013.78:396

*Esse trabalho é para Valdomiro, Roquilde e Vinícius: meu suporte, coração e eterno pensamento.*

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é fruto de um trabalho desenvolvido ao longo de dois anos e durante esses, muitas pessoas cruzaram o meu caminho e incentivaram, de uma maneira ou de outra, seja através da troca de saberes, de discussões efervescentes ou de um simples gesto como um sorriso ou um abraço nos momentos que pareceram difíceis. A vocês agradeço imensamente:

Primeiramente agradeço a meus pais por todo amor, carinho e confiança que dedicaram ao longo de toda a minha vida. Vocês são o meu exemplo.

Um agradecimento todo especial a professora Méri Rosane, por tudo o que me proporcionou e pelo que se tornou em minha vida. Mais do que orientadora ou professora, ela ultrapassou os muros da Universidade e se tornou uma amiga, uma companheira. Muito obrigada pela convivência ao longo desses cinco anos de academia, por toda a confiança, conselhos, puxões de orelha, indicações de leituras, crescimento profissional e pessoal.

Ao Vinícius, meu namorado, meu amor, que esteve ao meu lado ao longo de toda essa trajetória e que soube compreender os momentos de alegrias e angustias, me incentivando sempre a continuar, seja com um sorriso, um abraço ou quando me ouvia devaneando acerca das palavras de Foucault.

Ao meu irmão pelo apoio e incentivo.

A Angelina Vian (*in memoriun*) que sempre me acolheu em seu colo de avó e que gostaria de ver a primeira neta virar mestre. Tenho certeza que onde ela estiver, estará vendo a concretização do nosso sonho.

A Bianca, minha amiga querida, que cedeu parte do seu tempo para me ouvir, aconselhar e ajudar no momento em que tudo se tornou bastante confuso.

A “família” Centro Esportivo da FURG, especialmente a minha turma que me acolheu de forma tão calorosa, agradeço aos momentos de estudos, aprendizagens e alegrias.

Ao professor e colega Luis Felipe Hecktheuer por se mostrar disposto a me ajudar nas leituras e nos conselhos. Agradeço por mostrar-me os caminhos foucaultianos do meu estudo.

A cada rostinho do Observatório, aos que passaram e aos que estão presentes, pelos momentos de alegrias e devaneios.

A minha banca, Angelita Jaeger e Paula Ribeiro. Quanta ansiedade em um só corpo! Obrigada por dispor de tempo e aceitar participar desse momento. Tomo todas as colocações como aprendizados que só vem contribuir para os meus caminhos futuros.

Ao professor Gustavo da Silva Freitas, pelas inúmeras colaborações que fez para esse trabalho.

A Francine Mirapalheta, pelas traduções realizadas.

A Alessandra Amaral, por estar comigo na minha primeira graduação, na entrada no GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas da Corporeidade) e agora na Pós-Graduação. Obrigada pelas leituras, trabalhos construídos juntos além das inúmeras risadas.

Aos colegas e professores do Programa de pós-graduação Educação em Ciências que, ao longo dos seminários gerais e das aulas apreciadas fizeram inúmeras colocações que, de uma maneira ou de outra, estão presentes nesse trabalho.

## RESUMO

### **A pedagogização de corpos a partir do *body modification*: produzindo feminilidades**

Com essa dissertação tenho como objetivo principal problematizar como são produzidas as feminilidades sobre os corpos a partir das técnicas do *body modification* em dois espaços em que a pedagogia está atuando diretamente: na rua e no espaço virtual [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com). Considero o *body modification* como sendo um conceito que remete a utilização de técnicas que façam com que os sujeitos adquiram características em seus corpos que em pouco se assemelhem ao biológico, seja a partir da aplicação de tatuagens, *piercings*, escarificações, *brandings*... Para responder tal proposta, considero a ciência como sendo aquela que é compreendida no discurso de quem a produz, em outras palavras, nas vontades de verdade dos sujeitos. A ciência aqui está baseada na produção de outros conhecimentos, outros valores nas sociedades, dessa forma, criando outras regras, a partir de outros saberes. É uma forma de reconduzir o saber que é aplicado em uma sociedade. Segundo essa perspectiva, pensar a produção de feminilidades, a partir da utilização de técnicas do *body modification* e desse modo de compreender a ciência, é colocar sob suspeita as metanarrativas que são construídas como verdade para as mulheres. Para tanto, fundamento esse estudo a partir da perspectiva dos Estudos Culturais e de Gênero, especificamente utilizando a vertente pós-estruturalista, com os estudos foucaultianos. Os estudos pautados sobre essa vertente consideram tanto os corpos quanto os gêneros dos sujeitos enquanto uma construção social e cultural, envolta em de relações de poder. Para desenvolver a pesquisa, utilizei instrumentos da pesquisa cartográfica e também da análise do discurso, sob perspectiva foucaultiana. Assim, com esse estudo utilizo dois espaços pedagógicos considerados informais, onde as relações acontecem, para analisar como são produzidas as feminilidades sobre os corpos com a utilização das técnicas do *body modification*: a Avenida Rio Grande, juntamente com o Largo Dr. Pio, na cidade de Rio Grande e o sítio virtual [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com). Esses espaços me possibilitaram perceber as diferentes maneiras que as mulheres, ao utilizarem as técnicas do *body modification*, conduzem as suas feminilidades, seja seguindo as normas que são colocadas como verdade ou, ao contrário, criando outras formas de produzi-las. Em outras palavras, pude perceber que a utilização de *piercings*, tatuagens, dilatadores, escarificações e tantas outras técnicas do *body modification* até agora identificadas mostram que existem diferentes maneiras de se constituir feminina na sociedade. Algumas adeptas do *body modification*, tanto as que transitam em determinadas ruas da cidade do Rio Grande (RS) quanto aquelas que são modelos no [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com), preconizam, em alguns casos, um rompimento, uma resistência às maneiras de produzir as feminilidades, construindo outras formas de ser mulher, seguindo outras condutas, outros modelos para os seus corpos. No entanto, algumas das mulheres entrevistadas apresentam um discurso de que tais técnicas são formas de potencializar as feminilidades legitimadas para elas.

**Palavras-chave:** *body modification*, feminilidades, pedagogia cultural, normas, condutas, verdade.

## ABSTRACT

### **Pedagogization the body from the body modification: producing femininities**

With this dissertation, I aim to problematize how are produced the femininities of the bodies from the techniques of body modification in two areas in which teaching is directly acting: on the street and in cyberspace [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com). I believe that the body modification as the use of techniques that make the people acquire characteristics in their bodies that resemble in some of their biological constitution, from the application of tattoos, piercings, scarification, brandings ... To put this work, I consider science as one that is understood in the discourse of those who produce it, in other words, the wills for truth of the subject and not the hegemonic, which presents the correct answer, the only legitimate, which was based on mathematical discoveries in the middle of the sixteenth century. The science here is based on the production of other knowledge, other values in society, creating other rules, from other knowledge. These, to produce knowledge, has educated and pedagogizing bodies, in other words, it produces the subject and sets their modes of being and acting in society. From this perspective, think about the production of femininities, from the use of techniques of body modification is put under suspicion the “metanarrativas” that are built as true for women. To this end, the foundation to work from the perspective of Cultural Studies and Gender, specifically using the present post-structuralist, with reference to the analysis of Michel Foucault. Studies had ruled on this case consider both the bodies and genders of the people as a social and cultural construction, involved in power relations. To develop the research, I used research instruments and also mapping of discourse analysis, Foucauldian perspective. So with this study using two pedagogical spaces considered informal, where relationships happen, to analyze how femininities are produced on bodies with the use of techniques of body modification: Avenida Rio Grande, along with the Largo Dr. Pius in City of Rio Grande and the site Virtual [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com). These spaces allowed me to understand the different ways that women, by using the techniques of body modification, conduct their femininity, is following the rules that are placed as truth or, conversely, creating other ways to produce them. In other words, I could see that the use of piercings, tattoos, dilators, scarification and many other techniques of body modification identified so far show that there are different ways to provide women in society. Some devotees of body modification, both those who move in certain streets of Rio Grande (RS) as those who are models in [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com), advocate, in some cases, a break up, a resistance to the ways of producing femininities by constructing other forms of being a woman, following other approaches, other models for their bodies. However, some of the women present a speech that such techniques are ways to enhance the legitimacy femininity to them.

**Keywords:** body modification, feminity, cultural pedagogy, standards, conduct, truth.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1-	Otzi, o homem do gelo .....	26
Ilustração 2-	Marinheiros tatuados .....	26
Ilustração 3-	Mulher sendo tatuada .....	27
Ilustração 4-	Tatuagens .....	27
Ilustração 5-	<i>Piercings</i> .....	28
Ilustração 6-	Itamar, <i>body piercer</i> .....	29
Ilustração 7-	Escarificação .....	29
Ilustração 8-	Itamar – implante subdermal .....	30
Ilustração 9-	Implante transdermal .....	30
Ilustração 10-	Mulher afriacana .....	32
Ilustração 11-	Carlo Nieddu .....	32
Ilustração 12-	Bifurcação de língua .....	32
Ilustração 13-	<i>Pocketing</i> .....	33
Ilustração 14-	<i>Corset</i> .....	34
Ilustração 15-	Cássia Demarchi .....	34
Ilustração 16-	<i>Body corset</i> .....	34
Ilustração 17-	Gillian Hyde e Clive Mathias .....	34
Ilustração 18-	Abertura do site <i>www.suicidegirls.com</i> .....	55
Ilustração 19-	Esmeralda: aspecto da beleza <i>freak</i> : foto do perfil .....	63
Ilustração 20-	Tiny e Cande: elementos cênicos utilizados na <i>performance</i> .....	64

## SUMÁRIO

	RESUMO.....	08
	ABSTRACT .....	09
	LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	10
1.	SOBRE A DISSERTAÇÃO .....	13
2.	HISTORICIDADES DE UM CORPO: EXPERIÊNCIA DE SI E CIÊNCIA .....	16
2.1.	Discursividade do <i>body modification</i> .....	24
3.	A ESCRITA .....	36
3.1	<i>BODY MODIFICATION</i> EM RIO GRANDE: CONDUTAS NO JOGO DOS CORPOS FEMININOS .....	37
3.1.1.	Resumo .....	37
3.1.2.	Abstract .....	37
3.1.3.	Informações preliminares .....	38
3.1.4.	Entre feminilidades e <i>body modification</i> .....	40
3.1.5.	Condutas femininas produzidas pelo <i>body modification</i> .....	43
3.1.6	Considerações finais .....	45
3.1.7.	Referencial .....	46
3.1.8.	Sítios virtuais utilizados .....	47
3.2	A EDUCAÇÃO DE CORPOS PERFORMÁTICOS PRODUZINDO FEMINILIDADE(S) NO <i>SUICIDEGIRLS.COM</i> .....	48
3.2.1	Resumo .....	48
3.2.2.	Abstract .....	48
3.2.3.	Informações preliminares .....	49
3.2.4.	<i>Suicidegirls.com, performance e body modification</i> .....	53
3.2.5.	“ <i>As normais é que estão fora de padrão</i> ”: sobre a produção de feminilidades .....	56

3.2.6.	“A beleza freak”: as feminilidades das <i>performances</i> .....	61
3.2.7.	Algumas considerações .....	66
3.2.8.	Referencial .....	67
3.2.9.	Outras referências .....	68
3.3.	AS VONTADES DE VERDADE: FEMINILIDADES PRODUZIDAS PELAS MULHERES A PARTIR DO <i>BODY MODIFICATION</i> .....	69
3.3.1.	Resumo .....	69
3.3.2.	Abstract .....	69
3.3.3.	Introdução .....	70
3.3.4.	Entre corpos e feminilidades .....	73
3.3.5.	Feminilidades verdadeiras ou resistidas? O <i>body modification</i> demarcando corpos de mulheres .....	79
3.3.6.	“... ainda algumas considerações” .....	85
3.3.7.	Referências .....	86
4.	ENCERRAMENTOS PROVISÓRIOS.....	88
5.	DESDOBRAMENTOS E PERSPECTIVAS FUTURAS .....	93
6.	REFERÊNCIAS .....	95
6.1.	Outras referências .....	98
7.	ANEXO .....	100



# 1. SOBRE A DISSERTAÇÃO

As páginas que seguem apresentam o trabalho que desenvolvi ao longo dos dois últimos anos com o objetivo de analisar as diferentes maneiras que são produzidas as feminilidades a partir da utilização das práticas do *body modification* em corpos de mulheres em espaços que estou reconhecendo como pedagógicos. Para isso, utilizo como corpus de análise mulheres que circulam em dois espaços da cidade do Rio Grande, RS e também aquelas que realizam *performances* no sítio virtual *www.suicidegirls.com*.

Para cumprimento de tal objetivo, optei por organizar essa dissertação a partir da escrita de quatro capítulos, estes estruturados da seguinte forma:

No primeiro capítulo denominado como **Historicidades de um corpo: experiências de si e ciência** apresento a minha trajetória, enquanto possuidora de um corpo, desde o momento em que o objeto de pesquisa emergiu em minha vida até a escrita final desse trabalho. Nesse mesmo capítulo trago alguns apontamentos sobre pedagogias culturais e estudos de gênero, bem como os instrumentos metodológicos que utilizei - Estudos Culturais, Cartografia e Análise do discurso.

No segundo capítulo, que chamo de **Discursividades do *body modification***, apresento alguns entendimentos acerca do conceito *body modification*, bem como trago algumas definições acerca das técnicas.

No terceiro capítulo que estou denominando **A escrita**, apresento os três artigos que compõe essa dissertação.

O primeiro está intitulado como ***Body modification: condutas no jogo dos corpos femininos***. Nele pontuo de que forma as técnicas do *body modification* produzem feminilidades sobre os corpos de mulheres que circularam em dois espaços na cidade do Rio Grande, RS, entre os meses compreendidos entre novembro de 2008 a fevereiro de 2009. Através de instrumentos da pesquisa cartográfica pude realizar uma série de observações para que pudesse localizar os espaços de maior concentração de mulheres que utilizam as técnicas do *body modification*. Os espaços que emergiram para a realização do estudo foram: o Largo Dr. Pio e a Avenida Rio Grande.

O segundo artigo, o qual é nomeado de **A educação de corpos performáticos produzindo feminilidade(s) no *suicidegirls.com*** objetiva analisar de que forma são produzidas as feminilidades a partir das *performances* de mulheres que utilizam técnicas do *body modification*, no sítio virtual *www.suicidegirls.com*. Para tanto, utilizei algumas

ferramentas da análise do discurso, em Michel Foucault, na qual pude analisar os perfis das modelos que expõem os seus corpos no sítio e também intervi em alguns tópicos na comunidade do Orkut *Suicide Girls-BR*, entre os meses de setembro a novembro de 2009.

No terceiro artigo denominado como **As vontades de verdade: feminilidades produzidas pelas mulheres a partir do *body modification*** apresento os discursos produzidos pelas próprias adeptas do *body modification* sobre a produção das suas próprias feminilidades, a partir das técnicas do *body modification* que utilizam em seus corpos. Para isso, utilizei-me de instrumentos da análise do discurso, a partir de Michel Foucault, mais especificamente utilizando entrevistas com cinco mulheres observadas no Largo Dr. Pio, na Avenida Rio Grande. Essas entrevistas foram não-estruturadas para poder dar maior abertura para que as mulheres pudessem falar abertamente sobre as produções de suas feminilidades.

No quarto capítulo dessa dissertação, denominado **Encerramentos provisórios** apresento algumas considerações acerca da problemática de pesquisa, além de apontar algumas inquietações, desejos, interesses e novos caminhos possíveis de serem trilhados acerca da temática estudada.



**2. HISTORICIDADES DE UM  
CORPO: EXPERIÊNCIAS DE  
SÍ E CIÊNCIA.**

*A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas.*

LARROSA, 2008

Compreendo essa parte que compõe a dissertação como sendo aquilo na qual Larrosa (2008) denomina como experiência em si, isso porque é a partir da experiência e dos conhecimentos que possuo, juntamente com os que estou construindo até o “ponto final” dessa escrita que constituíram o que pode e deve ser pensado, conseqüentemente, transposto nas páginas que seguem.

Para compreender melhor o estudo que venho apresentando, é interessante relembrar a minha experiência em si, pois a partir de momentos vivenciados ao longo não somente desses dois anos de mestrado, mas fundamentalmente a partir do momento em que o conceito *body modification* emergiu, é que pode ser evidenciado quem é esse sujeito que fala e o espaço da qual fala. Diversos acontecimentos ocorreram ao longo desse tempo e acabaram contribuindo para que esse estudo se concretizasse. Essas marcas de quem sou eu e de onde eu falo estão representadas em cada palavra presente nessa dissertação.

Escolhi a carreira docente para seguir: sou pedagoga, licenciada pela FURG<sup>1</sup> em 2007. A princípio, como inúmeros sujeitos que se arriscam nessa área, tinha comigo ideais utópicos e salvacionistas para a educação. Entendia que eu poderia “mudar o mundo sozinha, com as minhas próprias mãos”! As leituras de Paulo Freire, com toda a sua teoria crítica da educação, estavam presentes ao longo dos quatro anos da minha trajetória dentro do curso de Pedagogia. Contudo, compreendia que não me formaria pedagoga somente com os aprendizados que me eram disponibilizados dentro da sala de aula.

Assim, no primeiro semestre de 2005, quando estava em meu segundo ano de graduação, foi oferecida a disciplina de Corporeidade e Movimento, na qual foram trabalhadas questões referentes ao corpo, gênero e sexualidade, dentro e fora do ambiente escolar, além de apresentar teorias que se baseavam na concepção de que o corpo não é

---

<sup>1</sup> Sigla utilizada para reconhecer a Universidade Federal do Rio Grande.

meramente um conjunto de vísceras e ossos, mas sim construído na e pela cultura e que esse corpo ainda está envolto em inúmeras relações de poder-saber. Neste sentido, Louro (2004, p. 83) afirma que “é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente”. Essas marcas podem ser feitas por uma aliança, uma tatuagem, uma cirurgia para mudança de sexo... Toda e qualquer mudança produz efeitos, simbólicos ou materiais e ainda faz com que o indivíduo tenha uma identidade, individual ou coletiva.

Essa disciplina apresentava um referencial diferente do que vínhamos trabalhando, desse modo, comecei a me interessar por essas novas formas de compreender a Pedagogia e ver que essa não está limitada apenas à sala de aula, mas entendê-la como um processo que é dado nos múltiplos espaços que atravessam os sujeitos: seja na família, na escola, na igreja, na mídia, na rua. Há uma pedagogia agenciando todos esses espaços e essa forma de compreender essa área do conhecimento é reconhecida como Pedagogia Cultural. Silva (2005, p. 139) coloca que a “pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural”. Em outras palavras, a Pedagogia Cultural nos educa desde sempre, através dos espaços nas quais estamos inseridos. Para o autor, tanto a educação escolarizada quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de ensino-aprendizagem, ou dito de outra forma, a cultura “também ensina alguma coisa.”

Com tudo isso tive interesse em continuar aprofundando meus estudos nessa forma de compreender a Pedagogia e a maneira como ela produz os corpos dos sujeitos. Foi aí que me inseri no grupo de pesquisa GEPEC<sup>2</sup>, atuando no primeiro ano como bolsista voluntária e nos dois anos seguintes como bolsista de Iniciação Científica, financiada pelo CNPq<sup>3</sup>. Dialogando com autores e com o grupo, fui, aos poucos, reconhecendo novos entendimentos sobre corpo e suas interfaces, dentro e fora do espaço escolar.

Dentre inúmeras leituras que realizamos no grupo, emergiu, a partir de uma matéria extraída da Revista Super Interessante, publicada em maio de 2005, o conceito de *body modification*, termo esse que designa as pessoas que executam inúmeras “cirurgias voluntárias” em seus corpos, a fim de deixá-los marcados irreversivelmente. Essa matéria

---

<sup>2</sup> Grupo de Estudo e Pesquisa da Corporeidade.

<sup>3</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento científico e tecnológico.

abordava as questões referentes às interferências dos sujeitos sobre os seus corpos. Senti-me curiosa para pesquisar esse assunto. Dessa forma, juntamente com uma colega, deixamos a pesquisa que pretendíamos realizar de lado – a corporeidade no período da alfabetização – e iniciamos uma nova pesquisa, na qual tínhamos como objetivo analisar quais eram as técnicas do *body modification* existentes e quais as concepções de corpo que permeavam os sujeitos adeptos de tais técnicas.

Fizemos muitas leituras acerca desta temática e, em uma delas, saltou-me aos olhos uma colocação de Pires (2005, p.156), quando ela afirma que: “navegando no BME<sup>4</sup> ou pesquisando em livros e revistas especializadas em *body modification*, podemos notar que a grande maioria dos que possuem e/ou executam essas modificações extremas são do sexo masculino.” Diante disso, pude perceber que, de certa forma, as questões de gênero permeiam o universo *body modification*, já que supostamente existem técnicas específicas para homens, outras direcionadas para mulheres e de, certa forma, algumas técnicas auxiliam na produção de ambos os gêneros.

Assim, tomada pela afirmação de Pires iniciei leituras acerca da temática gênero, baseada em estudos realizados por Jeffrey Weeks, Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Silvana Vilodre Goellner, Dagmar Estermann Meyer para poder compreender minimamente de que maneira são produzidas as masculinidades e feminilidades dos sujeitos. Para Weeks (2007), gênero são aquelas diferenciações sociais entre homens e mulheres, ou seja, são os significados culturais, históricos e sociais associados às diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo. Assim, os estudos de gênero se focam na forma culturalmente elaborada que constitui as diferenças sexuais em cada sociedade e que se manifesta nas hierarquias atribuídas a cada sexo.

Com o entendimento de que os gêneros são produzidos a partir das múltiplas instâncias que interpelam os corpos dos sujeitos, não negando a materialidade biológica é que fui esboçando o meu projeto de mestrado, na qual primeiramente tinha como objetivo, analisar de que maneira são produzidas as masculinidades e as feminilidades a partir da prática do *body modification*.

Contudo, como acredito estar sendo interpelada em todos os momentos por novas formas de pensar e agir, aprovada para o Programa de Pós Graduação Educação em

---

<sup>4</sup> Site americano destinado aos adeptos e/ou interessados em *body modification*. [www.bme.freeeq.com](http://www.bme.freeeq.com).

Ciências, realizando as disciplinas e construindo o estudo, me deparo com o espaço virtual [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com) que veio não desconstruir, mas desviar um pouco o percurso inicialmente estabelecido para o meu estudo. Esse sítio contempla somente mulheres que utilizam as técnicas do *body modification* em seus corpos, excluindo, por completo, qualquer outra forma de feminilidade e masculinidade. Dessa forma, com essa minha efervescente “descoberta”, forma pela qual costume caracterizá-la, decidi, juntamente com a minha orientadora, a professora Méri Rosane, problematizar como são produzidas as feminilidades sobre os corpos a partir das técnicas do *body modification* em dois espaços em que a pedagogia está atuando diretamente: na rua e no espaço virtual [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com).

Para tanto, me apoiei na vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais para desenvolver esse trabalho. Os Estudos Culturais podem ser compreendidos como sendo uma perspectiva teórica que, de acordo Nelson, Treichler e Grossberg (2005, p. 13), pode ser entendida como

um campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra-disciplinar que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura. Diferentemente da antropologia tradicional, entretanto, eles se desenvolveram a partir de análises das sociedades industriais modernas. Eles são tipicamente interpretativos e avaliativos em suas metodologias, mas diferentemente do humanismo tradicional, eles rejeitam a equação exclusiva de cultura com alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas.

Diferentemente de outras formas de investigação, os Estudos Culturais vêm mostrando que há uma gama de culturas e essas precisam ser investigadas, considerando fundamentalmente as suas particularidades. Nesse sentido, os Estudos Culturais estão comprometidos com as análises relacionadas às artes, às crenças, aos discursos contidos nos diferentes tipos de linguagem que perpassam a sociedade, em suma, tem privilegiado aquelas manifestações culturais que vão de encontro com as concepções tradicionais da cultura.

Os Estudos Culturais, de acordo com Nelson, Treichler e Grossberg (2005), não possui um método distinto de outras perspectivas teóricas, por isso, venho assumindo para esse estudo instrumentos da cartografia e da análise do discurso, tendo como referencial teórico as análises de Michel Foucault.

Primeiramente, utilizei elementos da cartografia para poder encontrar os espaços na cidade do Rio Grande que pudessem responder o meu objetivo. A cartografia aqui não é meramente aquela reconhecida como a ciência na qual estuda os mapas, mas sim como um processo inverso: como sendo a construção de novos mapas, de novos espaços que não demarcam fronteiras, nem faz rachaduras, mas leva em consideração o tempo, os espaços e os sujeitos que estão inseridos em determinados grupos sociais. Rolnik (2006, p. 23) define a pesquisa cartográfica como sendo

um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação das paisagens. [...] A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos –sua perda de sentido- e a formação de outros: mundos que criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos.

Sendo assim, a pesquisa cartográfica não tem a pretensão de reforçar os territórios demarcados, mas justamente o oposto, realizar novos desenhos que permitem questionar novas experiências em diferentes espaços sociais. Minha tarefa, me colocando no lugar de cartógrafa, foi mergulhar em espaços da cidade do Rio Grande e, como afirma Rolnik (2006, p. 23), “dar língua aos afetos que pedem passagem”, ou seja, esses afetos são para mim os espaços nas quais as mulheres que apresentavam as técnicas do *body modification* em seus corpos passaram e foram capturadas, pois pareceram importantes fontes de dados para o meu estudo. Dos espaços nos quais me inseri, dois foram capturados por mim e/ou me capturaram: o Largo Dr. Pio e a Avenida Rio Grande, no balneário Cassino.

Após ter realizado esse levantamento de quais os espaços havia maior concentração de mulheres que utilizavam as técnicas do *body modification* em seus corpos, me propus a realizar uma análise dos discursos que envolvem as mulheres, tanto as que estão inseridas na rua quanto as que estão no *suicidegirls.com*. Discurso aqui é entendido, a partir de Foucault, como sendo o conjunto de enunciados que estão embaralhados, heterogêneos e dispersos em um determinado espaço e que possuem regularidades entre si. Nas palavras de Foucault (2002, p. 30), o discurso “é constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos [...] em sua dispersão de acontecimentos e na instancia própria de cada um. [...] O material que temos que tratar, em sua neutralidade inicial, é uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral.”

Assim, conforme o autor coloca, esses enunciados podem ser da ordem falada ou escrita e funcionam como signos, mas não como quaisquer signos e sim aqueles

reconhecidos como práticas que ajudam na análise do objeto que está sendo estudado. Em uma de suas colocações, Foucault (2002, p. 56) afirma que “certamente os discursos são feitos de signos: mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. O que serviu como enunciados e como signos para mim foram:

1º no *suicidegirls.com* a maneira como o sítio se apresenta, as modelos, os gestos e posições, além das maquiagens e as técnicas do *body modification* demarcadas;

2º no Largo Dr. Pio e na Avenida Rio Grande, realizei cinco entrevistas não-estruturadas para analisar de que maneiras as próprias mulheres pertencentes a esses espaços percebem as suas feminilidades e seus corpos a partir das técnicas do *body modification* que utilizam.

Pensar a análise do discurso a partir do referencial teórico de Foucault (2002, p. 31)

trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso.

Dessa forma, com o estudo que segue pude dar um maior aprofundamento em algumas questões referentes às Pedagogias Culturais, os estudos de Gênero e da Corporeidade. Acredito que o meu maior desafio, imersa nessas temáticas, foi tentar compreender como a Ciência faz parte desse processo. Que ciência é essa que eu venho produzindo e que, segundo Henning (2007) está longe daquela que é legitimada pela sociedade, instaurada nas descobertas físico-matemáticas do século XVI e que pouco sofre questionamentos de suas verdades. Ciência que até hoje interpela os sujeitos pelos diversos artefatos pedagógicos que utiliza como meios de repercussão de suas verdades.

A ciência que tomo para mim nesse estudo, não é aquela hegemônica, que apresenta a resposta correta, única e legítima, mas sim aquela que pode estar compreendida no discurso de quem a produz, em outras palavras, nas vontades de verdade dos sujeitos, como coloca Foucault (2009, p. 17). A vontade de verdade para o autor deve ser reconhecida como sendo a produção de outros conhecimentos, de outros valores nas sociedades, dessa forma, criando outras regras, a partir de outros saberes. É uma forma de

reconduzir o saber que é aplicado em uma sociedade, de que maneira ele é “valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.

Dentro dessa perspectiva, pensar a produção de feminilidades, a partir da utilização de técnicas do *body modification* e desse modo de compreender a ciência é colocar sob suspeita as metanarrativas que são construídas e adotadas como verdade para as mulheres. É reconhecer que a produção de feminilidades, como o próprio nome diz, é uma construção eterna do ser feminino, um processo inesgotável e plural. Assim, as técnicas do *body modification* são maneiras que determinadas mulheres produzem os seus entendimentos de feminilidades, partindo dessas intervenções sobre os seus corpos.



## **2.1.DISCURSIVIDADE DO *BODY MODIFICATION***

*O que salta aos olhos quando olhamos o mundo de hoje é a realidade de que nosso mundo é um mundo no qual a presença de seres diferentes aos demais, diferentes a esses demais caracterizados pelo espelhismo da normalidade, é vivida como uma grande perturbação.<sup>5</sup>*

Considero o *body modification* como sendo a utilização de técnicas que fazem com que os sujeitos percam as características ‘naturais’ do corpo, isto é, modificam a estrutura corporal através de cortes, perfurações e queimaduras. Pires (2005, p. 77) afirma que esse conceito “reporta-se ao uso de técnicas que possibilitam ao indivíduo adquirir características não similares às inatas, aplicadas ao corpo por meio de perfurações, cortes, queimaduras e cirurgias”. A autora afirma ainda que “podemos agrupar os elementos resultantes das técnicas as características que surgem como reação do organismo a determinados procedimentos, tais como as cicatrizes resultantes de queimaduras e escarificações”. Em outras palavras, o *body modification* é um termo que designa práticas de modificação corporal, através de inúmeras “cirurgias voluntárias”, com a finalidade de deixar os corpos marcados irreversivelmente.

Para Pires (2005) é possível dividir os adeptos do *body modification* em dois grandes grupos e estes, conseqüentemente, serão subdivididos, formando mais dois grupos:

a) o primeiro grupo é constituído por pessoas que querem ao máximo se adequar ao modelo de corpo que está posto na sociedade. Para isso os indivíduos utilizam as cirurgias plásticas, as dietas, a musculação e as ginásticas.

b) o segundo grupo, para a autora, é formado por indivíduos que necessariamente utilizam elementos que não são próprios do corpo humano, como as tatuagens, os *piercings*, as escarificações, os implantes, entre outros. Esse grupo pode ser dividido em outros dois grupos: um que utiliza esses elementos por conta da moda que está instaurada e outro que emprega essas mesmas técnicas como formadoras de um ideal próprio e diferente dos padrões estabelecidos. O que fundamentalmente une esses dois grupos é a aparente eternidade dessas marcas nos corpos. Por mais que sejam modificados os corpos, as marcas sempre existirão, de uma forma ou de outra.

---

<sup>5</sup> Autor desconhecido.

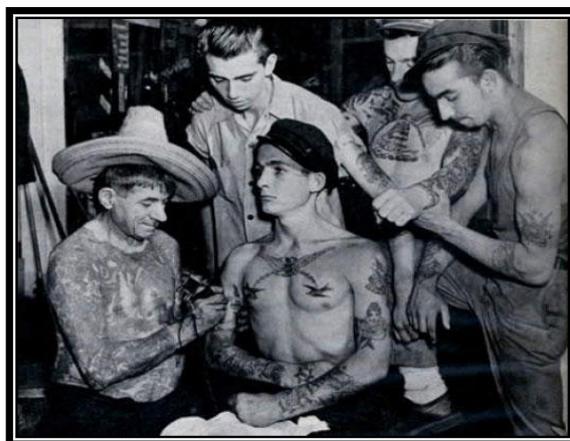
Essas inscrições nos corpos, de acordo com Le Breton (2007, p. 40), implicam em “uma vontade de atrair o olhar, de fabricar uma estética da presença, mesmo se o jogo permanece possível de acordo com os locais de inscrição, estejam elas permanentemente sob o olhar dos outros ou somente daqueles cuja cumplicidade se busca”. Neste sentido, o *body modification* pode ser pensado enquanto indicativo de uma forma de estar no mundo, elemento de expressão de grupos, de uma sociedade e/ou de uma época.

Hoje, pelo fato de fazer parte de um tempo no qual a todo o momento surgem novidades e o interesse pela renovação é constantemente estimulado, Pires (2005) afirma que tudo pode ser transformado e, diante disso, quase ninguém tem o interesse de continuar com a mesma aparência. Nesse sentido, as técnicas do *body modification* tornaram-se comuns, plenamente reconhecida e, para inúmeras pessoas, até mesmo desejadas. Pires (2005) destaca que algumas das técnicas do *body modification* que estão sendo recorrentes atualmente são: a tatuagem, o *piercing*, a escarificação e o implante.

A tatuagem (ilustrações 1, 2, 3 e 4) é o método de inserir sobre a pele substâncias corantes, com a finalidade de produzir desenhos e pinturas. É uma das modificações corporais mais antigas. Para Araújo (2005) o primeiro registro que se tem sobre indivíduos tatuados é de Ötzi, o ‘homem de gelo’, que viveu em aproximadamente 5200 anos na região italiana. Seu corpo trazia cerca de cinquenta marcas de tatuagens na pele. Pires (2005) afirma que até a década de 60, a tatuagem era considerada como uma prática marginal, empregada apenas por pessoas não reconhecidas na sociedade, ou seja, utilizada por motoqueiros, marinheiros, presidiários e prostitutas.



**Ilustração 1** - Otzi, o homem de gelo

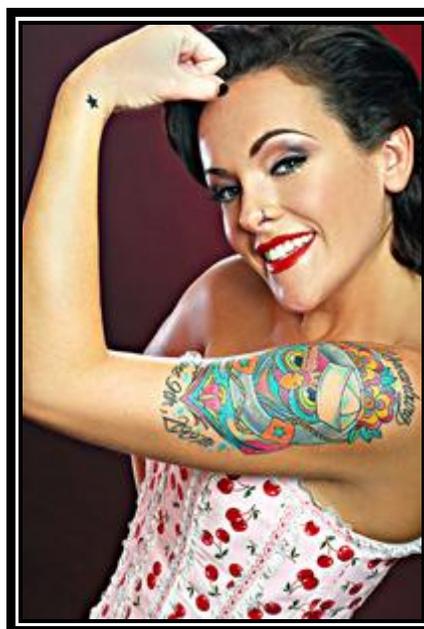


**Ilustração 2** - Marinheiros tatuados



**Ilustração 3 - Mulher sendo tatuada**

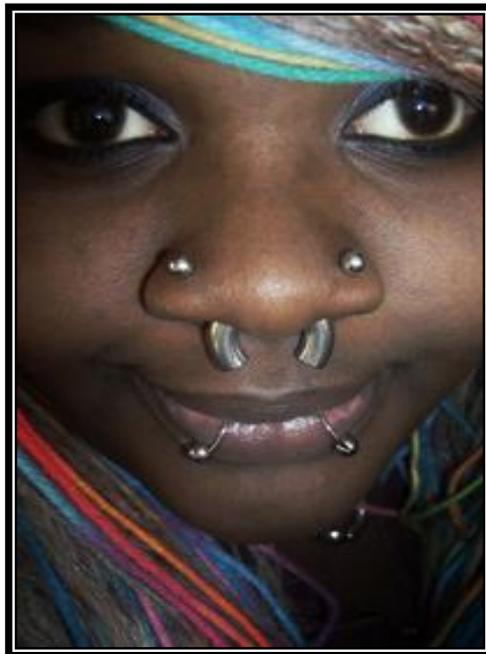
A partir dos anos 70, segundo Pires (2005), essa vinculação entre as tatuagens e a marginalização foi ultrapassada e ela se tornou uma das mais recorrentes práticas do *body modification*. Diferentemente das outras técnicas, a tatuagem é a que mais superficialmente atinge o corpo.



**Ilustração 4 - tatuagens**

Ao contrário da tatuagem, Pires (2005, p. 80) destaca que “o *piercing* (ilustração 5) afeta de modo mais intenso e profundo o corpo”, pois ultrapassa os limites da pele.

Araújo (2005) afirma que o *piercing* vem sendo utilizado há 4500 anos, pelos povos do Indústão, que atravessavam o nariz com ossos ou tocos de madeira. Além disso, esse adorno corporal já foi identificado em tribos da América do Sul, da África, da Indonésia, nas castas religiosas da Índia, entre os faraós do Egito e os soldados romanos.



**Ilustração 5 - piercings**

A partir da década 90, o *piercing* passou a ser uma prática bastante recorrente e, segundo alguns de seus adeptos, este tipo de adorno fecha o ‘elo entre o primitivo e o moderno’.

Outra técnica do *body modification* é a esscarificação (ilustração 6 e 7), também conhecida como *scarification* ou simplesmente *scar* - cicatriz em inglês - e consiste na fabricação de cicatrizes, formando um desenho na pele. Essa prática de decoração do corpo é um método permeado por critérios de embelezamento<sup>6</sup>, que considera que quanto mais volumosas ficam as cicatrizes, mais bonitas serão consideradas. Pires (2005) afirma que a esscarificação pode ser realizada a partir de incisões feitas por algum objeto cortante, como bisturi, estilete e\ou navalha, que é denominado de *cutting*, ou ainda com a utilização de algum tipo de ácido ou brasa com o objetivo de queimar a pele, que é chamado de *branding*.

---

<sup>6</sup> Para conhecer mais acerca desse conceito, tomar VIGARELLO, Jorge. A história da beleza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.



**Ilustração 6** – Itamar: *body piercer*



**Ilustração 7** - escarificação

Já o implante consiste em inserir sob a pele um objeto – que pode ser de vários materiais, tais como silicone, teflon, plástico, osso ou metal – de diferentes formatos, criando um relevo. Esta remodelagem corporal pode ser realizada na cabeça, nos braços, nas mãos, nas pernas e no peito. A maioria dos implantes é feita por meio de uma ou várias incisões, separando as distintas camadas de pele, introduzindo as peças e, posteriormente, suturando a região. Os implantes não são irreversíveis, porém, as marcas formadas, sim. É

possível retirar a peça, já que a pele é muito elástica e se recupera, voltando ao seu estado original.

Pires (2005, p. 98) afirma que há dois tipos de implantes: no primeiro tipo, o objeto é inserido subcutaneamente, ou seja, abaixo da pele. Esse processo “dá a impressão de que o indivíduo nasceu com aquela forma”. É o implante chamado de subdermal (ilustração 8); o segundo tipo, denominado transdermal (ilustração 9), somente uma parte do objeto fica abaixo da pele, aquela que precisa ficar fixada, a outra parte fica exposta totalmente, “parecendo que o objeto está crescendo, brotando do corpo.”



**Ilustração 8 – Itamar: implante subdermal**



**Ilustração 9 - Implante transdermal**

Os adeptos das técnicas do *body modification* apresentadas acima criam, com o passar do tempo, novos modos de aplicação para as técnicas. Isso porque, como afirma Ortega (2008, p. 61) quando determinadas práticas passam a ser consolidadas nas sociedades, os inúmeros grupos que utilizam estas modificações como um demarcador identitário, diferentemente daqueles adeptos que a vinculam à moda, procuram realizar intervenções mais profundamente e\ou ainda passam a considerar novas técnicas para o *body modification*, ampliando, ainda mais, a sua rede de práticas. Isso ocorre como forma de manter certa diferença entre os padrões de beleza vigente e das tribos que compõem os cenários urbanos.

Ortega (2008, p. 61) afirma ainda que essas novas técnicas do *body modification* fornecem uma espécie de rompimento com a “ilusão de estabilidade cultural e social e são tipicamente usadas em situações que as pessoas sentem [...] a necessidade de preservar suas identidades individuais e sociais e de anunciar [...] a permanência de suas lealdades, valores e crenças”. Nesse sentido, algumas técnicas que podem ser consideradas como uma espécie de desvinculação com a moda são os dilatadores, as bifurcações de língua, os *pocketings*, os *body corsets* e as nulificações.

O dilatador (ilustrações 10 e 11) é uma técnica que consiste em fazer um pequeno corte no corpo, onde é inserida uma espécie de argola ou botão, deixando essa parte do corpo alargada. Segundo Araujo (2005), os dilatadores – ou alargadores – já eram utilizados pelos Incas, nos séculos XII e XVI, para marcar a passagem dos meninos da infância para a idade adulta. Na Índia, essa técnica é utilizada como um sinal de superioridade moral e intelectual, ou seja, quanto maior for o lóbulo da orelha, maior o poder concedido a esse indivíduo. Essa técnica volta a cena nos anos 2000, sendo principalmente utilizado como um demarcador identitário de diversos grupos adolescentes.



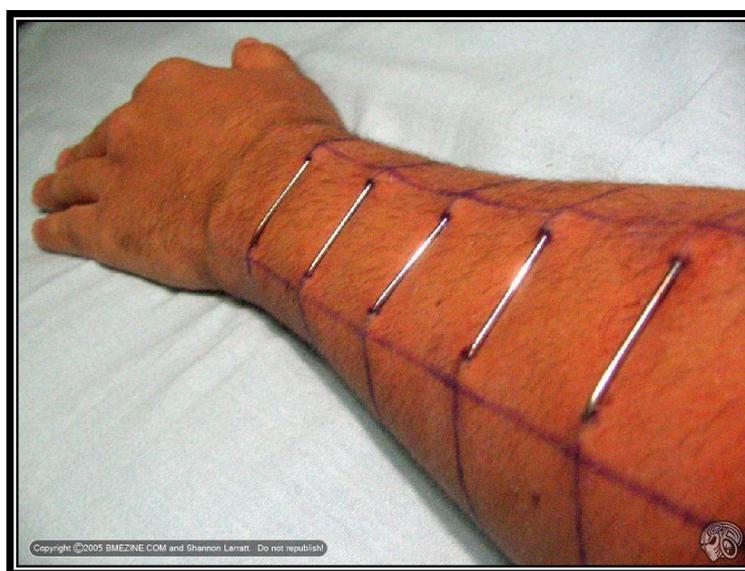
**Ilustração 10** - Mulher africana    **Ilustração 11** - Carlo Nieddu: dilatador de orelha

A bifurcação de língua ou *tongue split* (ilustração 12) consiste em um procedimento cirúrgico que divide a língua em duas partes, dando a aparência de uma língua de lagarto ou de cobra. Relatos de adeptos afirmam que, com o tempo, é possível mexer as duas partes individualmente. Os mesmos dizem que esse processo de dividir a língua realça o beijo e o sexo oral, trazendo mais prazer, sensações novas e excitação. A bifurcação de língua, assim como diversos tipos de intervenções, era muito usada no Império Bizantino e servia como punição e castigo. Hoje é visto como uma forma de representar rebeldia e prazer.



**Ilustração 12** - Bifurcação de língua

O *pocketing* (ilustração 13) é considerado, sendo os estudos de Pires (2005) como uma técnica intermediária entre o *piercing* e o implante e consiste na inserção de objetos que atravessam a pele e ficam com uma parte exposta. As peças implantadas também são introduzidas por meio de incisões na pele, mas parte delas ficam à mostra. Existem peças próprias para diferentes partes do corpo. Em determinadas áreas é possível introduzir peças grandes devido a maior quantidade de tecido, como nos braços. Em outras regiões, como a cabeça, as peças, a princípio, têm que ser pequenas. Depois, elas podem ser, progressivamente, substituídas por outras maiores.



**Ilustração 13 - *pocketing***

O *body corset* (ilustrações 15 e 16) é uma técnica que imita os antigos espartilhos (ilustração 14), utilizados intensamente no início do século pelas mulheres, ou ainda como artefato fetichista. Todavia, essa técnica é realizada diretamente no corpo dos indivíduos, principalmente nas mulheres, em que são introduzidas uma série de argolas na pele e, por entre elas, transpassa-se uma fita de seda colorida, fazendo uma espécie de trança.

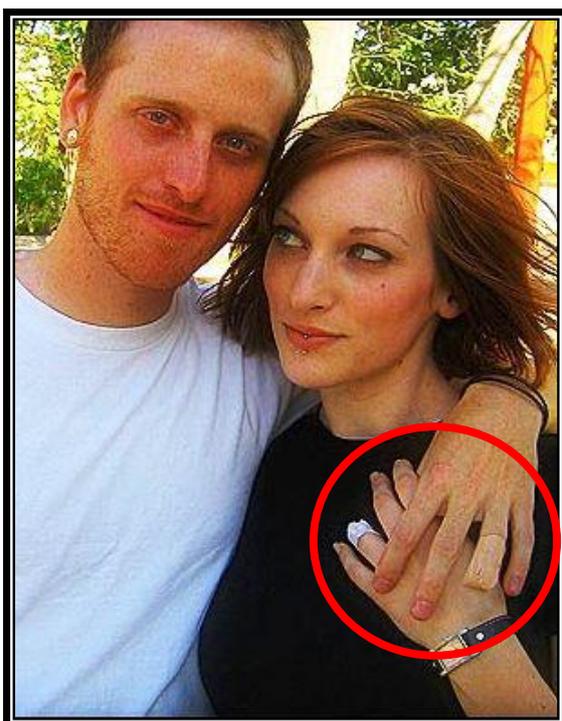


**Ilustração 14** - Corset

**Ilustração 15** - Cássia Demarchi

**Ilustração 16** - body corset

A nulificação (ilustração 17) é outra técnica de *body modification* e, embora seja pouco comum em nossa sociedade, ela consiste na remoção voluntária de partes do corpo, como testículos, dedos, dentes, mamilos e até mesmo remoção de membros inteiros.



**Ilustração 17** - Gillian Hyde e Clive Mathias

A partir dessa breve explanação acerca das principais técnicas do *body modification*, é possível afirmar que as questões de gênero permeiam tais técnicas. Isso faz com que seja possível realizar um estudo organizando as práticas de acordo com seus adeptos. Nesse sentido, é fundamental esclarecer que, a princípio, na sociedade a qual estamos inseridos, existem diversas formas das mulheres produzirem as suas feminilidades com as técnicas do *body modification*.



### **3. A ESCRITA**

### 3.1. *BODY MODIFICATION* EM RIO GRANDE: CONDUTAS NO JOGO DOS CORPOS FEMININOS<sup>7</sup>

**3.1.1. Resumo:** Com essa escrita, busco estabelecer uma possibilidade, entre outras tantas, de analisar como algumas mulheres produzem as suas feminilidades com a utilização das técnicas do *body modification*, concentrando nas expressões que afirmam os valores e códigos considerados femininos contidos em tais práticas. Desenvolvi essa pesquisa através da vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, mais especificamente, utilizando elementos do método cartográfico, onde, no primeiro momento, realizei um diálogo com autores que se aprofundam nas questões da corporeidade, gênero e *body modification*. Em seguida, fiz um mapeamento na cidade de Rio Grande (RS) das mulheres que utilizam tais técnicas, nos meses de novembro de 2008 a fevereiro de 2009, onde pude discutir como são produzidas essas feminilidades. Enfim, enquanto determinadas técnicas estão ligadas ao que é associado ao gênero feminino, outras técnicas, no entanto vêm produzindo uma contraconduta ao modelo que é legitimado pela sociedade do que é um corpo feminino.

**Palavras-chave:** *body modification*, corpo, discursos de feminilidades, contraconduta.

**Title:** *Body modification in Rio Grande: the conduct game of bodies women*

**3.1.2. Abstract:** With this writing, I seek to establish a possibility, among many others, to look at how some women produce their femininity with the use of techniques of body modification, focusing on expressions that affirm the values and codes considered feminine contained in such practices. I developed this research through the present post-structuralist cultural studies, more specifically, using elements of the cartographic method, where the first time I conducted a dialogue with authors who deepen the issues of corporeity, gender and body modification. Then I made a mapping in the city of Rio Grande (RS) about the women that use such techniques, from November 2008 to February 2009, where I discuss how these femininities are produced. Finally, while certain techniques are linked to what is associated with being female, other techniques, but has opposed, to produce a position against the model that is legitimized by society of what is a female body.

**Key words:** body modification, body, discourses of femininity, position against.

---

<sup>7</sup> Esse artigo foi encaminhado para o Simpósio temático nº 31: Gênero e práticas corporais e esportivas que faz parte do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, a se realizar entre os dias 23 a 26 de agosto de 2010 em Florianópolis, SC.

### 3.1.3. Informações preliminares

Sant’Ana (2005, p 12) afirma que o corpo é “lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos receios e fantasmas culturais, o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico”. Esse excerto me faz pensar no corpo como algo que não deve ser considerado como pura e simplesmente uma estrutura homogênea a todos os seres, mas como “algo” que apresenta inúmeras possibilidades de intervenção, variando de acordo com o tempo\espaço nas quais os sujeitos estão inseridos.

Bauman (2002) coloca que o período em que vivemos é denominado por como “modernidade líquida” e metaforicamente é considerada como um tempo de fluidez, em que a sociedade é marcada por uma instabilidade, uma constante adequação. Nesse contexto os sujeitos passaram a recorrer constantemente a métodos que mantenham os seus corpos dentro de regramentos exigidos pelos espaços sociais, mesmo se apoiando no discurso de quebra ou rompimento com essas normas de poder consolidadas.

Nesta perspectiva, as sociedades devem ser consideradas como espaços em que as estratégias de poder não estão localizadas ou centradas, bem como não reconheçam um modelo de corpo essencializado, mas mutante, adequado a interesses sociais, econômicos, políticos e históricos. Nesse sentido, os gêneros dos indivíduos não podem ser considerados a priori, levando em consideração apenas as características anatomo-fisiológicas, mas compreender que os sujeitos se constroem feminino ou masculino de acordo com as relações de poder nas quais estão envolvidos.

As estratégias de demarcação das identidades de gênero normalmente passam pela utilização de técnicas de intervenção sobre os corpos. São roupas, acessórios, penteados, cirurgias plásticas, lipoaspirações, musculação, em suma, uma gama de atividades que auxilia na modificação corporal para que o mesmo se adeque a determinados modelos, sobretudo os que demarcam o gênero, produzindo masculinidades e feminilidades.

Posicionando-se diferente dessa lógica, existem grupos de mulheres que produzem as suas feminilidades a partir de outros disciplinamentos para os seus corpos. Entre essas, posso afirmar que estão as mulheres praticantes do *body modification*<sup>8</sup>, que buscam, a

---

<sup>8</sup> Ao longo dessa escrita discutirei acerca desse conceito e de que forma suas técnicas produzem os corpos femininos na sociedade.

partir de cada intervenção, acentuar as suas feminilidades de uma forma bastante significativa e singular, muitas vezes, desconstruindo com as verdades<sup>9</sup> que são reconhecidas para as mulheres na sociedade.

Com isso, nessa escrita apresento como objetivo principal pontuar de que forma as técnicas do *body modification* produzem feminilidades sobre os corpos de mulheres que circulam em alguns espaços na cidade do Rio Grande, RS. Para desenvolver esse estudo assumi a vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, visto que essa perspectiva investigativa me ajuda a entender como são produzidos os interesses sociais dos sujeitos na cultura que estes estão inseridos.

Para tanto, utilizo alguns elementos da pesquisa cartográfica, caracterizada por Rolnik (2006, p. 23) como sendo

um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação das paisagens. [...] A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos –sua perda de sentido- e a formação de outros: mundos que criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos.

Uma pesquisa com elementos cartográficos está baseada, em um primeiro momento, no olhar atento do pesquisador, para que ele consiga buscar, dentro do espaço delimitado à pesquisa, uma rede de conectividade, ou seja, ele precisa estabelecer elos entre os objetos e\ou sujeitos de sua pesquisa.

Assim, o primeiro passo que realizei foi dialogar com autores que se aprofundam nas questões de gênero, corpo e *body modification*. Logo em seguida, montei um diário de bordo em que pude identificar os espaços da cidade onde as mulheres que utilizam técnicas do *body modification* transitam. Este diário era levado para todos os lugares para que, nos momentos em que se destacasse algo que poderia auxiliar na pesquisa, imediatamente seria registrado.

Com a finalidade de analisar como as mulheres utilizam as técnicas do *body modification* como demarcadores de uma feminilidade, os locais e os períodos na qual escolhi para a realização da pesquisa não foram pensados por acaso, isso porque, dentro dessa rede formada na cidade, dois espaços são significativos, pelo grande fluxo de

---

<sup>9</sup> Em uma perspectiva foucaultiana, a verdade não pode ser reconhecida fora das relações de poder. Para o autor (2008, p. 13), verdade é o “conjunto de regras que segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”.

peçoas, principalmente no período do ano escolhido para a realização desse estudo. Esses espaços são o Largo Dr. Pio, no centro da cidade<sup>10</sup> e a Avenida Rio Grande, no balneário Cassino<sup>11</sup>.

O período na qual realizei esse estudo está compreendido entre os meses de novembro de 2008 à fevereiro de 2009, isso porque a região sul apresenta as quatro estações do ano bastante definidas e nos meses escolhidos para a execução da pesquisa fazem parte do verão, momento em que aumenta as atividades realizadas ao ar livre e nesta estação os corpos estão mais expostos. Além disso, é o momento em que a população, principalmente do balneário Cassino, multiplica-se, fazendo com que a visibilização dos discursos trazidos nos corpos seja mais significativa e intensa, possibilitando encontrar as adeptas do *body modification*.

#### 3.1.4. Entre feminilidades e *body modification*

A produção de feminilidades pode ser reconhecida, como coloca Scott (1995), não somente a partir dos atributos sexuais dos sujeitos, mas também levando em consideração os determinantes sócio-culturais nas quais as mulheres são interpeladas. Louro (2007, p. 21) sobre isso, coloca que

não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Assim, a concepção de feminilidade que estou assumindo nesse estudo é aquela na qual as mulheres são reconhecidas dentro dos inúmeros espaços que estão inseridas e,

---

<sup>10</sup> A cidade do Rio Grande foi fundada em 19 de fevereiro de 1737 e foi colonizada por portugueses. É o município mais antigo do estado do Rio Grande do Sul. Possui uma área de 3.338 Km<sup>2</sup> e apresenta, de acordo com uma estimativa de pessoas residentes na cidade no ano de 2007, realizada pelo IBGE, 194.351 habitantes e está localizada Planície Costeira Sul do Estado do Rio Grande do Sul. Para mais ver: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

<sup>11</sup> O Balneário Cassino, inaugurado em 1898, está localizado no município de Rio Grande, extremo Sul do Brasil. Seu principal acesso é através da RS-734, que liga a praia do Cassino à cidade de Rio Grande. Este Balneário destaca-se por ter a maior praia do mundo, com cerca de 254 km, chegando até a fronteira Brasil-Uruguai. Conta também com outros grandes atrativos como os molhes da barra, o calçadão da Avenida Rio Grande e o barco Altair, encalhado em 1976. O local possui excelente suporte estrutural capaz de sustentar a população residente, cerca de 20.000 habitantes, assim como a flutuante, em época de veraneio, que ultrapassa a 150 mil turistas, procedentes do Brasil e dos Países do Prata. Dados extraídos de sítio virtual [www.balneariocassino.com.br](http://www.balneariocassino.com.br).

para que isso ocorra, primeiramente, é preciso localizar o tempo e o espaço no qual elas estão circulando, isso porque as feminilidades são construídas socialmente e historicamente, variando de uma cultura para outra.

As feminilidades são marcas que as mulheres carregam consigo e são produzidas a partir dos múltiplos fatores sociais. Neste sentido, é possível afirmar que há uma pedagogia cultural<sup>12</sup> agenciada pela família, pelos amigos, pela escola, pela igreja e pela mídia que produz os corpos femininos.

Como colocado anteriormente, muitas mulheres, para produzir as suas feminilidades, investem sobre seus corpos, seja para se adequar aos modelos reconhecidos como verdades e considerados como corretos ou ao contrário, para se constituírem femininas de uma maneira que a sociedade ainda não legitimou.

Nesse contexto, algumas mulheres estão utilizando as técnicas do *body modification* como forma de auxiliar na construção destas feminilidades. Estas intervenções se caracterizam por cirurgias voluntárias nos corpos, com o objetivo de deixá-los marcados, de maneira irreversível. Algumas das técnicas que são recorrentes na nossa sociedade são os *piercings*, as tatuagens, as bifurcações de língua, as escarificações, os dilatadores de orelha, entre outras.

Dentro dessa gama de técnicas do *body modification*, pude perceber que, ao passar pelo Largo Dr. Pio e pela Avenida Rio Grande, no Balneário Cassino, durante os meses da pesquisa, existe uma série de pessoas que comercializa roupas, bijuterias, fazem tatuagens de *henna*<sup>13</sup>. Nesse grupo de pessoas, me deparei com muitas mulheres que também desenvolvem esse tipo de atividades e apresentam algumas das técnicas para marcar os seus corpos.

Elas apresentam algumas tatuagens na nuca, nas mãos, nos pés e nas costas. Dentre os desenhos, os que mais se destacam são as borboletas, os beija-flores, os golfinhos e os desenhos denominados de tribais. Algumas imagens são coloridas, outras em preto e branco e ainda algumas opacas por conta do tempo. Elas também utilizam

---

<sup>12</sup> Para Silva (2005, p. 139) “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também tem uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade”.

<sup>13</sup> Tatuagens de *henna* são aquelas que desaparecem do corpo com o passar do tempo. O tempo máximo que uma tatuagem como essa permanece no corpo são 15 dias.

muitos *piercings* adornando o nariz, as sobrancelhas e o queixo. As orelhas são tomadas por brincos e dilatadores.

A partir dessas observações posso afirmar que as técnicas mais empregadas para a construção de feminilidades são chamadas de iniciais e menos invasivas, como as tatuagens e determinados tipos de *piercings* e escarificações. Especificamente falando sobre as tatuagens, de acordo com Sabino e Luz (2006), que, ao estudarem estas práticas entre os frequentadores das academias de musculação, identificaram que elas se dividem em femininas, masculinas e unissex. As tatuagens femininas normalmente são constituídas de traços mais delicados e/ou com figuras consideradas graciosas e frágeis, tais como bichinhos e anjinhos. Para Sabino e Luz (2006, p. 254) as

mulheres tendem a tatuar determinadas figuras, como rosas e flores em geral, estrelas, borboletas, lua, sol, personagens femininas de histórias em quadrinhos, beija-flores, gatos e fadas. Ideogramas, desenhos tribais, palavras e frases em letra gótica, símbolos da computação, códigos de barra, corações, duendes, deuses ou deusas mitológicos são símbolos inscritos tanto na pele de homens quanto de mulheres.

Dentre essas mulheres observadas duas salientaram-se: ambas com brincos, *piercings* no queixo, uma apresenta um *piercing* no nariz e na sobrancelha, bem como um dilatador no lóbulo da orelha e uma tatuagem de flor na perna. A outra mostra um beija-flor tatuado nas costas. Pude identificar que, nestes casos, as mulheres escolheram figuras que remete a atributos à delicadeza e à sensualidade. Os desenhos das tatuagens acentuam aquilo que tradicionalmente<sup>14</sup> é considerado feminino em nossa cultura e frequentemente, estão associados à sedução e à sensualidade.

Além dessas mulheres, esses espaços também são pontos de encontro para adolescentes. Essas também utilizam algumas técnicas do *body modification* para compor as suas identidades, seja para estar inseridas dentro de uma tribo ou para atender a uma vontade própria.

Nesse sentido, as técnicas do *body modification* que compõe os corpos femininos das adolescentes encontradas, sobretudo no *Pool Bar*<sup>15</sup>, foram os *piercings* em formato de argola e pequenas pedras no nariz, os transversais na parte superior da orelha, pequenos

---

<sup>14</sup> Tradição para Foucault “visa dar importância temporal singular a um conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivos e idênticos”. Para mais ver FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

<sup>15</sup> O *Pool Bar* está localizado na Avenida Rio Grande, no Cassino e é considerado um ponto de encontro para os adolescentes, pois esses se reúnem para beber, comer e jogar jogos eletrônicos.

dilatadores coloridos localizados nos lóbulos da orelha e uma das adolescentes apresentava uma tatuagem na perna e um *piercing* em formato de argola na parte inferior dos lábios.

Se eu tomar esse *piercing* nos lábios para análise, por exemplo, poderia afirmar que ele produz uma certa ambigüidade, isso porque, se por um lado o local onde é inserido possui uma grande sensibilidade e, em certos casos, provoca uma irritabilidade, ao mesmo tempo, ele pode vir a produzir um sentido de erotização e sexualidade, pois adorna uma das partes do corpo considerada bastante sensual – a boca.

Em relação ao gênero feminino, Weeks (2007) afirma que o período na qual vivemos é um momento importante para definição da sexualidade dos sujeitos. É possível afirmar que o gênero feminino também passa por demarcações, isso porque os conceitos que estão envolvidos na relação sexualidade e gênero determinam o modo de pensar as características do que é ser feminina na sociedade. Os discursos científicos e religiosos que construíram as mulheres como seres frágeis, delicadas, nascidas com o objetivo de cuidar da família, ainda hoje, é bastante forte e, por vezes, interpelam essas mulheres.

### **3.1.5. Condutas femininas produzidas pelo *body modification***

A partir das observações, realizadas no Largo Dr. Pio e na Avenida Rio Grande, das mulheres que utilizam as técnicas do *body modification*, é possível analisar as feminilidades que são produzidas a partir dos entendimentos de conduta e contraconduta, em uma perspectiva de Foucault. O autor (2008b) trabalha com os conceitos de conduta e contraconduta no pastorado cristão e estabelece alguns deslocamentos na forma de aplicação dos mesmos, ou seja, ele discute sobre um poder exercido pelo pastorado, passando para um poder exercido pelo governo e pela economia nas sociedades modernas.

Para Foucault (2008b), conduta apresenta dois significados: o primeiro deles se refere à maneira de condução (conduzir algo) e o segundo remete à forma que as sociedades devem ser conduzidas, de se conduzirem ou ainda a maneira como a sociedade se comporta diante de uma condução. No entanto, é preciso destacar que o conceito de contraconduta não seria oposto ao de conduta, mas uma tentativa de mostrar uma outra maneira de se conduzir, uma forma de resistência à conduta que está posta, de luta contra

as estratégias de poder que são exercidas como uma norma, uma conduta que precisa ser seguida.

Para que se tenham contracondutas, Foucault (2008b, p. 262) afirma que os sujeitos devem ser “conduzidos de outro modo, por outros homens, na direção de outros objetos que não os propostos pela governamentalidade oficial aparente e visível da sociedade”. Dessa forma, a contraconduta não é caracterizada como uma ruptura, uma oposição à conduta, mas como sendo outra estratégia de governo, outros modos, diferentes dos que estão postos, que se estabelecem nas relações de poder tradicionais.

Nas palavras de Foucault (2008b, p.256)

o pastorado é um poder que tem de fato por objetivo a conduta dos homens, creio que, correlativamente a isso, apareceram movimentos tão específicos quanto esse poder pastoral, movimentos específicos que são resistências, insubmissões, algo que poderíamos chamar de revoltas específicas de conduta, aqui também deixando à palavra “conduta” toda a sua ambigüidade. São movimentos que têm como objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores e por outros pastores, para outros objetivos e para outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos de outros métodos. São movimentos que também procuram, eventualmente em todo o caso, escapar da conduta dos outros, que procuram definir para cada um a maneira de se conduzir.

Foucault (2008b), ao operar com as noções de conduta e contraconduta no poder pastorado, me faz pensar sobre a produção dos corpos femininos a partir das técnicas do *body modification*. Enquanto algumas mulheres vão ao encontro do que é direcionado e considerado feminino, como as que utilizam tatuagens com desenhos delicados e tidos como sedutores, como borboletas, flores ou quando utilizam *piercing* no umbigo, adorno bastante visto nos dois espaços pesquisados, outras técnicas podem ser reconhecidas como sendo uma espécie de contraconduta à maneira com que os corpos são regrados.

Em outras palavras, a sociedade procura regular e ordenar os modelos de corpos femininos com normas a serem seguidas. São maneiras de ser femininas que são impostas e que devem – ou deveriam – ser seguidas, a qualquer custo, sob pena de sofrer punições.

Algumas das técnicas do *body modification* utilizadas pelas mulheres observadas, como os dilatadores e os *piercings* transversais, os *piercings* nos lábios e algumas tatuagens podem ser caracterizados como uma espécie de resistência às maneiras de conduta que são direcionadas para elas na sociedade contemporânea. Em outras palavras, são diferentes condutas que essas mulheres empregam e que podem ser caracterizadas como uma subversão à ordem e à norma que está posta para os corpos femininos.

Dessa forma, é possível compreender que não existe uma única maneira de produzir as feminilidades a partir do uso do *body modification*, isso porque, enquanto algumas mulheres procuram se apoiar em elementos que são direcionados a elas para conduzir as suas feminilidades outras buscam um rompimento com os atributos direcionados ao ser mulher, sugerindo outras condutas aos modos pelos quais suas feminilidades são produzidas.

### **3.1.6. Considerações finais**

Como colocado anteriormente, para a produção do gênero dos sujeitos não se deve negar as características biológicas, mas priorizar as questões sócio-culturais, já que elas interferem diretamente sobre os modos de vida das pessoas. Em outras palavras, são nos ambientes sociais que se constroem as identidades generificadas. As desigualdades entre os sujeitos masculinos e femininos se constituem, de acordo com Louro (2007, p. 22), entre os “arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação”.

Nesse sentido, as técnicas do *body modification*, se por um lado vão ao encontro da disciplinarização dos corpos femininos, mostrando de que forma determinadas técnicas são utilizadas para conduzir a feminilidade socialmente constituída, como a colocação de um *piercing* no umbigo ou alguns tipos de tatuagens colocados em locais estratégicos dos corpos; outras técnicas tentam demonstrar um pretense rompimento com esse modelo único de feminilidade, evidenciando que há inúmeras outras maneiras de ser feminina, diferentes do modelo que está posto. Ou seja, as técnicas do *body modification* produzindo as feminilidades podem ser vistas como “uma realidade multifacetada”, identificada por Sant’Ana (2005), assumindo múltiplas estratégias, mostrando que existem inúmeras formas de construir corpos femininos.

Algumas das mulheres analisadas, praticantes do *body modification*, vêm produzindo os seus corpos com uma feminilidade diferente da esperada pela sociedade como um todo. Elas, por vezes, desestabilizam com os padrões exigidos e que definem a mulher como sendo um ser frágil, delicado e que precisa demonstrar isso a todo o momento.

Para Le Breton (2006), a multiplicidade de adornos corporais, materializados através do vestuário, dos penteados, das atitudes, das tatuagens e dos *piercings*, são formas de supervalorizar o corpo e afirmar a sua presença para si e para os demais. Nesse sentido, utilizando as marcas constituídas pelas técnicas do *body modification* seria uma forma de afirmar a existência dessas mulheres aos olhos dos demais sujeitos, além de um rompimento com os valores que são atribuídos aos gêneros.

Algumas mulheres observadas produzem uma espécie de contraconduta aos modelos de ser feminina definidos pela sociedade, todavia, elas necessitam estar encaixadas em outro nicho, com um regramento, um governo próprio para seus corpos. Contudo, é importante destacar que essas praticantes do *body modification* também se submetem a regras e mantêm os corpos disciplinados, no entanto, é outro modo de gerir os seus corpos, seguindo outros modelos, assumindo outras posturas que estão postos em outros locais que não os vinculados ao modelo vigente.

Enfim, enquanto determinadas técnicas do *body modification* podem ser reconhecidas e direcionadas como partes de um corpo feminino, outras vêm se opondo às práticas de remodelagens corporais ditadas pela sociedade contemporânea, isso porque os efeitos produzidos podem estabelecer uma resistência em relação aos padrões de corpos femininos definidos socialmente. As práticas do *body modification* realizadas pelo gênero feminino, tanto no Largo Dr. Pio quanto na Avenida Rio Grande, podem produzir diferentes discursos e maneiras de ser mulher na contemporaneidade e que, algumas vezes desestruturam as formas de ser feminina.

### 3.1.7. Referencial

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 16 de julho de 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SABINO, César e LUZ, Madel. Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença. In: *Physis: Revista Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: 16 (2):251-272, 2006.

SANT'ANNA, Denise. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, In: *Educação e Realidade: Gênero e educação*. Porto Alegre:UFRGS, jul/ dez 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

### **3.1.8. Sítios virtuais utilizados**

*www.balneariocassino.com.br*, acessado em 16 de julho de 2009.

### 3.2. A EDUCAÇÃO DE CORPOS PERFORMÁTICOS PRODUZINDO FEMINILIDADE(S) NO *SUICIDEGIRLS.COM*<sup>16</sup>

**3.2.1. Resumo:** Nessa escrita apresento como objetivo principal analisar de que forma são produzidas as feminilidades a partir da *performance* de mulheres que utilizam práticas do *body modification* no sítio virtual *www.suicidegirls.com*. Para isso, assumi como perspectiva teórica os Estudos Culturais, utilizando como metodologia, elementos da análise do discurso, sob a vertente foucaultiana. Assim, estruturei o texto em três momentos distintos, em que no primeiro realizo uma definição do sítio e do conceito *body modification*. No segundo apresento um enfoque acerca dos entendimentos sobre a temática feminilidade e quais as que são apresentadas no sítio, trabalhadas a partir do conceito foucaultiano de norma. No terceiro momento, faço uma análise do que é a beleza *freak*, um elemento que o sítio apresenta e que contribui para a produção das feminilidades das modelos. Como resultados, foi possível perceber que as *suicidegirls*, apesar de preconizar um rompimento com as normas do que seria um corpo feminino, ao mesmo tempo, através de alguns artefatos, elas acabam se enquadrando nos mesmos modelos corporais que ditam modos de ser femininos legitimados pela sociedade.

**Palavras-chave:** *body modification*, mídia, norma, *performance*, produção de feminilidades.

**Title:** The education producing perform act body feminine (s) in *suicidegirls.com*

**3.2.2. Abstract:** At present writing aimed at analyzing how femininities are produced from the performance of women who use body modification practices on the website *www.suicidegirls.com*. For this, I assumed as a theoretical perspective of Cultural Studies, using as a methodology, elements of discourse analysis in the case of Foucault. Therefore, structure the text in three different times, where the first perform a site definition and concept of body modification. In the second presenting a focus on the understandings on the subject femininity and which are presented on the site, worked from Foucault's concept of norm. The third time, I do a review of what is a *freak beauty*, an element that the site presents and contributes to the production of models of femininity. As a result, it was revealed that the *suicidegirls*, while they designate a break with the norms of what is a female body at the same time, through some artifacts, they end up fitting the same standards body that dictate women's ways of being legitimized by society

**Key words:** body modification, media, standards, performance, production of femininities.

---

<sup>16</sup> Este artigo foi encaminhado para a Revista Estudos Feministas.

### 3.2.3. Informações preliminares

*Quem somos “nós”, assim, encerrados em corpos sexuados, construídos enquanto natureza, passageiros de identidades fictícias, construídas em condutas mais ou menos ordenadas? Quem sou eu, marcada pelo feminino, representada enquanto mulher, cujas práticas não cessam de apontar para as falhas, os abismos identitários contidos na própria dinâmica do ser?*

SWAIN, 2005

Um episódio interessante ocorre ao procurar imagens em sítios de internet de mulheres que praticam o *body modification*, um espaço remetendo a outro. Ao clicar no endereço [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com) que me foi sugerido, um plano de fundo cinza se abre e logo em seguida surgem imagens de mulheres nuas e seminuas, expondo em seus corpos algumas das técnicas do *body modification*. Quanto mais vasculhava, mais perfis de mulheres apareciam, com diferentes formas físicas, culturais, étnicas, contudo, com algo em comum: a utilização de *piercings*, tatuagens e escarificações demarcando lugares estratégicos dos seus corpos. O texto de abertura do sítio era: *SuicideGirls is a community that celebrates ALTERNATIVE BEAUTY<sup>17</sup> and alternative culture from all over the world.*<sup>18</sup>

A princípio pode parecer intencional ter encontrado esse sítio, pelo fato de estar procurando algumas imagens de mulheres que se utilizam do *body modification*, mas penso no sítio como um achado, um “passe de mágica”, pois em nenhum momento anterior me deparei com um espaço virtual limitado somente a mulheres que utilizam as técnicas do *body modification*. Dessa forma considero ter acontecido a minha “descoberta” do sítio virtual [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com).

A cada “clique” do mouse nos perfis dessas mulheres, inúmeros questionamentos formavam-se: Por que essa exposição? Por que, dentre tantas mídias, a escolha desta para a realização das suas *performances*<sup>19</sup>? Quanto mais eu vasculhava o sítio, mais questionamentos emergiam e a busca pelas respostas se tornava incessante!

---

<sup>17</sup> Grifo do sítio virtual.

<sup>18</sup> Tradução: *Suicidegirls* é a comunidade que comemora a beleza alternativa e a cultura alternativa de todo o mundo.

<sup>19</sup> A seguir, aprofundarei a questão do que estou denominando como *performances*.

Para responder algumas das minhas dúvidas recorri a Couto (2007) que nos fala sobre a instabilidade da vida atual: da constante incerteza, da fluidez, das escolhas limitadas, criando, com isso, uma metamorfose nas maneiras de ser ou se ter um corpo. Um dos propulsores para que essas mudanças ocorram é a existência de mais um espaço que pedagogiza os modos de ser corpo na sociedade de forma intensa: os espaços virtuais. Esses educam os corpos masculinos e femininos de maneira que estejam dentro de uma norma estabelecida: seja magro/a, musculoso/a, faça dieta, esteja sempre vestido/a de acordo com o tempo-espaço definido.

Foucault (2008a) coloca que o corpo, com o passar do tempo, deixou de ser considerado como um “corpo-repressão” para se tornar um “corpo-estimulação”. Em seus estudos sobre o dispositivo da sexualidade, o autor coloca que a partir do momento em que esse dispositivo passou a ser reprimido, vigiado, controlado pela família e escola, passou a ser um desejo de cada sujeito sobre o corpo.

Para Foucault (2008, p. 147)

o corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como o poder responde? Através da exploração econômica (e talvez ideológica) de erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos.

Esse é outro investimento sobre o corpo, ou seja, através de uma exploração econômica ocorre um incentivo a práticas que tornem um corpo “ideal”. De acordo com Foucault (2008, p. 146), “a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo.” Complementando a idéia foucaultiana, Couto (2007, p. 42) coloca que “o culto ao corpo se tornou um estilo de vida [...]. A promessa fascinante de um ganho suplementar de saúde, juventude e beleza conquistou um espaço inédito nos meios científicos e artísticos, na mídia, em todas as esferas do nosso cotidiano.”

Assim, é possível afirmar que a cada momento os sujeitos intervêm de diferentes formas nos seus corpos, muitas vezes, sustentando tais intervenções nos discursos da afirmação de uma identidade, para se adequar ao modelo exigido ou para tentar quebrar algumas normas da sociedade contemporânea. Desta forma, o corpo passou a ser considerado como uma estrutura a ser modificada ou, para muitos, uma “vitrine ambulante”, devido a sua grande exposição\visibilidade.

Para Couto (2007, p. 43), o “corpo inacabado, considerado como um objeto sempre disponível a reformas deve aumentar os seus níveis performáticos e padrões de eficiência”. Esse corpo precisa ser “continuamente turbinado para acompanhar a sofisticação das máquinas, atender as novas demandas de prazer e liberdade próprios da atualidade”, ou seja, esse corpo se metamorfoseia constantemente a fim de produzir uma melhor *performance*. Com isso, homens e mulheres vêm, cada vez mais, utilizando artefatos pedagógicos<sup>20</sup> como os veículos midiáticos – revistas, televisão, sítios de Internet – para pedagogizar e valorizar os seus corpos com o intuito de que esses sejam capazes de publicizar as suas produções performáticas.

Nesse contexto, as mulheres estão ocupando um espaço de destaque por conta dos inúmeros investimentos que a mídia exerce sobre os seus corpos, fazendo com que elas se percebam enquanto produtoras e possuidoras de feminilidades próprias. Louro (2007, p. 09) coloca que as inúmeras formas de se produzirem sujeitos compostos por um gênero são sempre “sugeridas, vinculadas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes)”. Em outras palavras, a mídia, exercendo o papel de educadora sobre os corpos femininos, abre um leque de possibilidades para que essas mulheres estejam inseridas dentro de um dos seus espaços, de uma maneira ou de outra.

Uma das intervenções recorrentes da sociedade, principalmente utilizadas para a produção de feminilidades é o *body modification*. Este pode ser compreendido como sendo o conceito referente à utilização de técnicas que fazem com que os sujeitos adquiram características que em pouco se assemelham ao próprio corpo, como a inserção de *piercings*, tatuagens, dilatadores de orelha, escarificações, *brandings*, *body corset*... Pires (2005, p. 77) afirma que esse conceito “reporta-se ao uso de técnicas que possibilitam ao indivíduo adquirir características não similares às inatas, aplicadas ao corpo por meio de perfurações, cortes, queimaduras e cirurgias”. A autora ressalta ainda que “podemos agrupar os elementos resultantes das técnicas às características que surgem como reação do organismo a determinados procedimentos, tais como as cicatrizes resultantes de queimaduras e escarificações”.

---

<sup>20</sup> O termo artefatos pedagógicos refere-se à utilização de materiais que sirvam como ferramentas de aprendizagem, como por exemplo, as revistas, os filmes, a internet, as músicas. (Para mais ver ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2003).

Assim, na escrita que se segue, busco estabelecer uma possibilidade, entre outras tantas, de analisar como são produzidas as feminilidades a partir das *performances* de mulheres que utilizam as técnicas do *body modification*, identificadas no sítio virtual *www.suicidegirls.com*. Entendendo que somente o sítio não daria as respostas para o objetivo proposto, utilizo também uma das comunidades do site de relacionamentos Orkut que apresenta, dentre os freqüentadores, algumas das *suicidegirls* brasileiras: o *Suicide Girls-BR*.

Como perspectiva teórica, faço uso dos Estudos Culturais, pois esses permitem pensar na relação entre poder e cultura, sobretudo o poder que é exercido pela mídia. De acordo com Giroux (2005, p. 90), os Estudos Culturais “abarcam uma grande diversidade de fenômenos culturais e sociais que caracterizam um mundo pós-industrial cada vez mais hibridizado”.

Para o autor, os Estudos Culturais vêm, nos últimos tempos, discutindo acerca do poder exercido pela mídia sobre os corpos, fazendo com que esse espaço seja visto e reconhecido como mais um artefato pedagógico que educa os modos de ser sujeito na sociedade. A internet e seus sítios virtuais podem ser considerados como um desses espaços que pedagogizam os corpos dos sujeitos e um deles é o *www.suicidegirls.com*. Segundo Giroux (2005, p. 90)

ao analisar toda a gama dos lugares diversificados e densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa e as organizações religiosas, entre outras, os Estudos Culturais ampliam nossa compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como o local tradicional de aprendizagem.

Como os Estudos Culturais não apresentam um instrumento metodológico distinto de outras perspectivas teóricas, utilizei-me de alguns instrumentos da análise do discurso inspirada pelos estudos foucaultianos. O discurso, para Foucault é entendido como sendo um conjunto de vários enunciados que apresentam regularidades entre si e que estão dispersos na sociedade. Assim, alguns instrumentos que utilizo para analisar são os perfis das modelos que estão disponíveis no sítio, alguns comentários dos freqüentadores desse espaço, bem como da comunidade *Suicide Girls-BR*, no site de relacionamentos Orkut.

O discurso não deve ser compreendido como uma mera junção de signos, que remetem a representações, mas entendê-lo como práticas que auxiliam na formação dos objetos da qual está sendo falado. Para Foucault (2002, p. 56) “certamente os discursos são feitos de signos: mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É

esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. Seguindo esta perspectiva, identifico que a análise do discurso se perfila na investigação qualitativa e estabelece um olhar dirigido, não somente aos símbolos, mas aos enunciados que estão dispersos e que formam determinado grupo social.

Dessa forma, compreendo que o *suicidegirls.com* como um campo discursivo, repleto por uma gama de enunciados que demarcam as suas próprias regularidades, ou seja, esse espaço propõe conhecimentos, que estão dispersos dentro do sítio na forma de apresentação das imagens, dos textos e das cores utilizadas. Nesse sentido, considero a mídia como sendo um espaço pedagógico, permeado por discursos que sugerem uma forma de educação para os corpos dos sujeitos. A minha proposta de análise é apresentar um possível discurso, dentre inúmeras possibilidades, que são produzidos a partir das *performances* que as modelos realizam. Reconheço essas *performances* como práticas, que ultrapassam os limites dos signos e que auxiliam as *suicidegirls* na sua constituição enquanto sujeitos.

Assim, produzi esse artigo da seguinte forma: no primeiro momento, realizei um apanhado bibliográfico com as temáticas: gênero, *body modification* e *performance*. Em seguida, me inseri nos dois sítios virtuais – *www.suicidegirls.com* e *www.orkut.com*, na comunidade *Suicide Girls-BR* – no período compreendido entre setembro a novembro de 2009, a fim de analisar como é formada a produção das feminilidades a partir das *performances* realizadas pelas mulheres nesse ambiente. Na comunidade do Orkut, utilizei algumas falas das *Suicidegirls* expressas em alguns tópicos que possam contribuir para o desenvolvimento do trabalho.

#### **3.2.4. *Suicidegirls.com, performance e body modification***

A noção de *performance* surge em meados da década de 70 e pode ser considerada como sendo uma espetacularização, em que há um planejamento da ação/do ato a ser apresentado. Ela nos remete a um espetáculo público, em que os sujeitos apresentam uma espécie de *show* artístico ou corporal: uma peça teatral, uma apresentação de ginástica, dança, luta...

Pires (2005, p. 72) nos diz que

a origem do *happening*<sup>21</sup> e da *performance* está diretamente relacionada com a *live art*, movimento que buscou trazer a arte para o dia-a-dia, desassociando-a dos ambientes onde usualmente acontece e dando aos atos cotidianos, como andar, fazer compras, trabalhar, etc., o status de arte. Paralelamente ao princípio da *live art*, na *performance* o fato de ocorrerem imprevistos, tanto nas ações do público como nas ações do *performer*, faz com que a apresentação artística se aproxime do cotidiano.

Segundo Pires (2005, p. 72), a “incorporação da tecnologia visa um resultado estético mais apurado e, portanto, a um melhor entendimento da mensagem veiculada”. Dessa forma, a *performance*, além de uma exposição espetacular remete a um ensaio, um treinamento, com um roteiro pré-estabelecido para que a execução do que se deseja esteja de acordo com o objetivo proposto. Em outras palavras, existe uma potencialização, uma ampliação dos espaços onde as *performances* são manifestadas, isso para que haja uma melhor e maior veiculação da mensagem a ser reproduzida.

As peças teatrais, os esportes, as instalações artísticas, os ensaios fotográficos e tantas outras manifestações são consideradas como *performances*, mesmo que cada uma dessas práticas apresentem suas particularidades, elas requerem um tempo considerável de preparação que antecede a espetacularização e exposição dos sujeitos.

Nunes e Goellner (2007, p. 56), ao apresentarem um estudo realizado com lutadores de M.M.A.<sup>22</sup>, colocam que a espetacularização dos corpos na contemporaneidade pode ser observada em diversos espaços, que vão desde as “revistas, propagandas, *outdoors*, propagandas televisivas, cartazes, filmes... Podem ser vistas também, em [...] ruas, *shopping-centers*, praias, praças, academias, *spas* e outros tantos locais onde se evidenciam diferentes práticas corporais e esportivas”.

Dentre os diversos espaços de espetacularização e realização de *performances* corporais na atualidade, o *suicidegirls.com* pode ser considerado como um dos sítios virtuais bastante procurados por pessoas que apreciam as *performances* realizadas por mulheres que expõem em seus corpos, algumas técnicas do *body modification*.

---

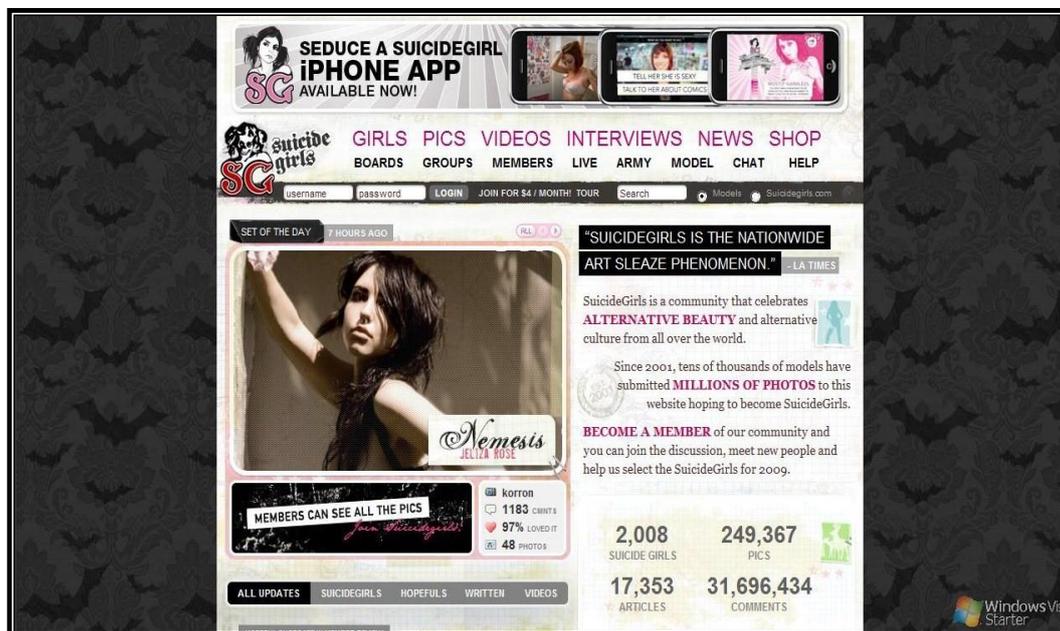
<sup>21</sup> O *happening* surgiu na década de 60 e pode ser considerado, segundo os estudos realizados por Pires (2005, p. 72), como sendo um ritual feito por artistas que valorizam o improvisado, a criação e que remetem ao experimento e à anarquia.

<sup>22</sup> M.M.A. é a sigla utilizada para designar o termo norte-americano *Mixed Martial Arts*, que no Brasil é conhecido como a prática do Vale Tudo. Essa envolve diferentes modalidades de lutas e artes marciais, contudo, diferentemente de outras práticas corporais, em que a *performance* está diretamente relacionada com o rendimento, esta leva em consideração todo o contexto da luta, como as cicatrizes, a iluminação, as roupas, as tatuagens, o público, a música, tornando essa modalidade de luta um espetáculo “artístico”.

O *suicidegirls.com* é um sítio virtual norte-americano instituído em setembro de 2001 por Sean e Missy e que, em 2003, se transformou em uma revista e em uma agência de modelos. Para ter acesso a esse ambiente, deve-se pagar uma quantia que gira em torno de dez dólares mensais, o que faz com que esse espaço seja restrito apenas para associados<sup>23</sup>. O diferencial desse sítio é que as modelos apresentam uma “beleza *freak* ou exótica”, como o próprio sítio descreve.

*Uma beleza que não seria levada em consideração em outros espaços*

Essa é uma das descrições feita por alguns participantes da comunidade *SuicideGirls-BR*. Essas modelos fazem parte de diferentes culturas étnicas e suas *performances* se dão a partir de ensaios fotográficos sensuais. A figura abaixo (Ilustração 18) apresenta a entrada do sítio, com o perfil exposto do dia e também a descrição do que é esse espaço.



**Ilustração 18 - Abertura do site [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com). Acesso em 3 de novembro de 2009.**

<sup>23</sup> Couto (2007, p. 49-50) coloca que “o corpo tornou-se o lugar ideal para todo tipo de experimento da biotecnologia, investimento da economia de mercado e o principal objeto de consumo no capitalismo avançado.” Além disso o autor remete que a “mercantilização do corpo ressalta o gosto pelo espetacular, pela inconstância, tudo o que é oscilante, as formas passageiras”.

O sítio apresenta como diferencial a exigência de que as modelos apresentem uma *beleza freak*, ou seja, as modelos precisam apresentar características incomuns, se comparadas aos padrões de corpos femininos legitimados pela sociedade e para isso elas passam a utilizar algumas técnicas do *body modification*, demarcando feminilidades diferentes da que é essencializada na sociedade.

Apesar de o site abrir espaço para mulheres de diferentes culturas e etnias, ele apresenta como língua oficial a inglesa, por ser um site estadunidense. Para as mulheres que almejam fazer parte do grupo de *Suicidegirls* é preciso, segundo N, uma das modelos brasileiras, enviar um *book* fotográfico com fotos sensuais e\ou eróticas, nas quais a mesma poderá escolher em qual sessão do site quer ser exposta para avaliação: na *Member Review* ou na *Sttaf*.

Na *Member Review* as imagens dessas mulheres ficam expostas para todos que quiserem assistir a *performance* e comentar. A candidata que, segundo N, obtiver o maior número de comentários “*com qualidade*” é aprovada e entra para uma fila de espera para que seja fotografada pelo profissional oficial do site. Na sessão *Sttaf*, somente as pessoas que auxiliam no site podem ter acesso e escolher quais mulheres se tornarão *Suicidesgirls*.

Um pré-requisito antes de expor os ensaios é que as mulheres sejam maiores de 18 anos. Os coordenadores do sítio verificam se elas atendem esse pré-requisito e após expõem os ensaios. N coloca que a espera pelo fotógrafo oficial pode durar meses. Somente depois que forem fotografadas é que as mulheres tornam-se *suicidegirls*, recebem os seus cachês e publicam as suas *performances* no sítio.

### **3.2.5. “As normais é que são fora do padrão”: sobre a produção de feminilidades**

Inserida no sítio *suicidegirls.com*, onde propus analisar a produção das feminilidades, senti uma lacuna, no sentido de que somente aqueles enunciados dispersos no sítio virtual não me dariam as respostas para os meus questionamentos, visto que faltavam falas, comentários, algumas discussões que pudessem vir a contribuir para essa análise. Dessa forma, procurei na comunidade do Orkut *SuicideGirls-BR* algumas discussões levantadas pelos frequentadores do sítio e que pudessem contribuir para a minha pesquisa. Nessa busca me deparo com um tópico que me deixa bastante inquietada.

Este é intitulado como “*fora dos padrões*”<sup>24</sup> e nele um fã nomeado como C descreve o que viu em uma *performance* no sítio:

*Vi uma série que a garota me pareceu fora dos padrões do site. A modelo é a Talyn e a série intitulada: Heart and soul. Os cabelos são castanhos, bem normal. Um único piercing discretíssimo no nariz, só uma pedrinha. E uma única tatuagem na batata da perna esquerda, mostrada em uma única foto. O cenário: um quarto comum. Maquiagem: aquelas do dia-a-dia. Figurino: lingerie azul claro, camiseta branca e um sapato de oncinha. Uma combinação não muito feliz[...].*

A partir desse tópico, várias colocações foram realizadas por outros fãs e nessas um termo foi recorrente em quase todas: a noção de normal! Esse foi levantado, tanto para qualificar/classificar a beleza das modelos e principalmente para definir a maneira como são constituídas as mulheres no *suicidegirls.com*. Esse tópico em especial me fez pensar nas maneiras pelas quais estão sendo constituídas as feminilidades dentro das relações de poder existentes nesse sítio e as formas como essas relações vêm instaurando ainda hoje os modos de comportamento para as mulheres dentro da sociedade na qual estamos inseridos.

Dessa forma, não posso deixar de enfatizar que a nossa sociedade -ocidentalizada - é considerada por muitos autores, entre eles Zigmund Bauman (2002) como instável, “líquida” e que esta é permeada por relações de poder. Essas se instauram em um contexto social, sendo exercido no convívio diário entre os sujeitos. O poder se estabelece em rede, sempre de forma produtiva, no sentido de produzir algo. Além disso, ele é “o um e o outro” da relação. Nas palavras de Foucault (2008a, p. 183):

o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação [...] Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. [...] O indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constitui.

---

<sup>24</sup> Este tópico foi lançado em 21 de maio de 2009 e houve até a realização desse estudo nove postagens.

Neste aspecto, um dos conceitos que vem ganhando visibilidade nas discussões relacionadas às redes que envolvem questões de poder são os estudos de gênero, especialmente os atrelados aos estudos feministas<sup>25</sup>, vinculados, especialmente, às formas de se constituir mulher nas diferentes culturas existentes. Esses estudos demarcam que existe uma instabilidade em ser feminina, que por muito tempo foi pautada por uma norma que determinava comportamentos para as mulheres. Essas maneiras de se portar foram pensadas a partir de alguns discursos produzidos pela medicina, psicologia, religião que procuravam regular essas feminilidades.

Meyer (2003, p. 16) nos diz que “gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado”. Por conta disso, Louro (2007) coloca que é importante pensar que as noções de corpo, assim como as de gênero, ganham sentido culturalmente. Com isso, as inscrições dos gêneros são produzidas através das inúmeras interpelações entre a cultura e os sujeitos. Para a autora (2007, p. 11), as “identidades de gênero [...] são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”.

É nesse sentido que me volto para o *suicidegirls.com*, pois nesse espaço é possível perceber as relações de poder existentes agindo sobre os modelos, isso porque as mulheres que lá estão realizando as suas *performances* apresentam alguns atributos de feminilidade que em pouco se assemelham às características “enraizadas” (LOURO, 2007, p. 56) e tidas como corretas do que é ser feminina na sociedade. É importante pensar em discursos que desestabilizam as verdades<sup>26</sup> que vêm sendo mantidas em torno da discussão de gênero, pois não existe uma forma de ser feminina, mas sim, processos constantes de adequação que definem as feminilidades, dependendo dos pertencimentos sociais dos sujeitos. Nesse

---

<sup>25</sup> Dentre as diferentes perspectivas teóricas relacionadas aos Estudos Feministas, utilizo como aporte teórico a vertente pós-estruturalista. Uma de suas representantes é Scott e a mesma afirma que “na sua utilização mais recente, o termo ‘gênero’ parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções básicas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. O termo ‘gênero’ enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade” (p. 72, 1995).

<sup>26</sup> Para Foucault, a verdade em si não existe, mas sim, verdades que variam de acordo com o tempo/espaço em que os sujeitos estão inseridos. Para mais ver FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008a.

caso, é preciso levar em consideração que o pertencimento social dessas mulheres que me apego é o *suicidegirls.com*.

Dentro do mesmo tópico um ponto importante para desconstruir algumas verdades que envolvem a temática gênero é uma fala realizada por P.

*No suicide as normais é que são fora do padrão. É divertido pensar nisso!*

Ao analisar essa colocação penso nos conceitos de normal e anormal trabalhados por Foucault em seus cursos no Collège de France. Esses dois conceitos, para o autor são precedidos pela noção de norma.

A partir do conceito utilizado por Foucault, Castro (2009, p. 310) define que a norma

refere os atos e as condutas dos indivíduos a um domínio que é, ao mesmo tempo, um campo de comparação, de diferenciação e de regra a seguir (a média das condutas dos comportamentos). [...] A norma mede em termos quantitativos e hierarquiza em termos de valor a capacidade dos indivíduos. [...] A norma, a partir da valorização das condutas, impõe uma conformidade que se deve alcançar; busca homogeneizar. [...] A norma, finalmente, traça a fronteira do que lhe é exterior (a diferença com respeito a todas as diferenças), a anormalidade.

Posso afirmar, juntamente com Santiago (2008), que estamos inseridos em uma sociedade de normas e nela há a tentativa de homogeneizar as diferenças dos sujeitos, impondo modos que devem ser seguidos, ou seja, existe uma preocupação em capturar todos os sujeitos para junto da norma. Segundo o autor (2008, p. 58), “na sociedade das normas, o fora e o dentro se conjugam de uma tal maneira que o sujeito não se situa inteiramente do lado das normas e nem inteiramente do lado de fora dessas mesmas normas”. Para ele (2008, p. 59), a “era do ilimitado não admite margens, fronteiras, bordas que delimitem o interior e o exterior do regulável.”

Fonseca (2005) chama a atenção para o fato de que Foucault chega ao conceito de norma a partir dos estudos que o autor realizou acerca da disciplina<sup>27</sup>. Em outras palavras, para que o sujeito esteja inserido dentro do contexto das normas, primeiramente, ele

<sup>27</sup> Para Foucault (2008b, p. 74-75) a disciplina “analisa, decompõe, decompõe os indivíduos, os lugares, os tempos, os gestos, os atos, as operações. Ela os decompõe em elementos que são suficientes para percebê-los, de um lado, e modificá-los de outro. É isso, esse célebre quadriculamento disciplinar que procura estabelecer os elementos mínimos de percepção e suficientes de modificação. Em segundo lugar, a disciplina classifica os elementos assim identificados em função de objetivos determinados”.

precisa estar disciplinado, com seu corpo docilizado, correspondendo ao comportamento que lhe é estabelecido. Da mesma forma que a disciplina se exerce sobre o sujeito individual, a norma também se destina a ele, ou seja, está ligado a anátomo-política do corpo. Santiago (2008) nos diz que a norma origina-se no próprio sujeito, a partir da combinação das suas tomadas de decisão e destina-se a ele próprio, em um processo que é bastante sutil. Somente a partir desse procedimento que se definem quem são os sujeitos normais e os anormais.

Esse processo de demarcar os sujeitos normais e anormais através de uma norma que é estabelecida é o que Foucault chamou de normação. Para o autor (2008b, p. 75)

há um caráter primitivamente prescritivo da norma, e é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e identificação do normal e do anormal se tornam possíveis. Essa característica primeira da norma em relação ao normal, o fato de que a normalização disciplinar vá da norma à demarcação final do normal e do anormal, é por causa disso que eu preferia dizer, a propósito do que acontece nas técnicas disciplinares, que se trata muito mais de uma normação do que de uma normalização.

A partir da colocação feita por P, na comunidade do Orkut, posso afirmar que os sujeitos, ainda hoje, consideram que exista uma norma que defina comportamentos que devem ser seguidos para produzir feminilidades e que, no *suicidegirls.com*, a mesma não é seguida, porque as modelos não seguem as condutas que são naturalizadas, aquelas que devem ser seguidas na busca pelo ser feminina. Nesse sentido, P nos sugere a idéia de que as modelos e suas *performances* são portadoras de feminilidades anormais, ou seja, não seguem, como coloca Louro (2007, p. 50), “uma plena correspondência entre o corpo e a identidade de gênero socialmente aceitável”.

Entretanto, é preciso considerar que há diferentes maneiras e múltiplas formas de viver as feminilidades ou modos de construir as identidades femininas. Não sendo possível pensar que existem feminilidades normais e/ou anormais, o que vai definir o que é normal e/ou anormal é o contexto sócio-cultural em que as mulheres estão inseridas. A partir dos estudos foucaultianos, o *suicidegirls.com*, enquanto produtora de uma identidade feminina se mostra como um espaço que apresenta mulheres que podem ser consideradas como possuidoras de feminilidades normais, pois para estarem inseridas dentro desse espaço, necessariamente as modelos precisam estar dentro das normas que são elencadas e desenvolver comportamentos adequados e determinados pelo sítio.

Dentro desta perspectiva, posso compreender a produção de feminilidade, como o próprio nome diz, como uma construção heterogênea do ser mulher. Uma constante

transformação da prática social em que os sujeitos sofrem interferências diretas da rede de poderes nas quais estão inseridas e, com isso, vão constituindo maneiras diferentes de ser feminina. Essas práticas sociais vão “inventando” modos de ser mulher, levando em consideração também as características biológicas e culturalmente caracterizadas como “normais”. Dessa forma, o gênero vai sendo constituído/formado continuamente, a partir das relações históricas, sociais e culturais a que cada grupo pertence.

### **3.2.6. A beleza freak: as feminilidades das performances**

*A beleza é uma ficção conveniente usada por indústrias milionárias que criam imagens do belo e traficam como ópio para a massa feminina. A beleza conduz as mulheres ao lugar em que os homens as querem, fora da estrutura do poder.*

ETCOFF, 1999

Como colocado anteriormente, no *suicidegirls.com* há diferentes maneiras de se construir feminina, isso porque, através das *performances* realizadas, é possível verificar os diferentes modelos corporais dessas mulheres. Elas apresentam suas feminilidades de uma maneira bastante significativa, isso porque, como explanado anteriormente, grande parte das modelos utilizam algumas técnicas do *body modification* para produzir as feminilidades sobre os seus corpos. Por esse motivo, as modelos do sítio são reconhecidas como se possuidoras de uma “*beleza freak*”, uma beleza diferente das almejadas.

Se refletir sobre a história da beleza, da mesma forma que Vigarello (2006) fez, percebo as mudanças nos biotipos corporais de cada época. O autor, ao fazer isso, retrata os perfis corporais considerados ideais para o gênero feminino nos anos de 1933 e 2001. Para isso, ele se utiliza de duas personalidades específicas de cada época: *Votre Beauti* e *Lara Croft*.

Segundo Vigarello (2006, p. 187)

	<b>Votre Beauti (1933)</b>	<b>Lara Croft (2001)</b>
Peso	60Kg	48Kg
Busto	88cm	90cm
Cintura	70cm	58cm
Quadris	90cm	88cm

### **Silhueta ideal para uma mulher de 1,68m (1933, 2001) – J. Liebaut, op cit p.08**

Tomando o ano de 2001 como referência de beleza para pensar os dias atuais, mesmo reconhecendo que houve mutabilidades nesse perfil de corpo feminino, veremos os corpos das modelos femininas que são referência de beleza e que fazem parte da sociedade contemporânea: mulheres magras, com pernas longas e cinturas finas, além de apresentarem uma pele que não contenha manchas, nem marcas. Tudo isso para que esses corpos estejam dentro de uma norma pré-estabelecida do que é um corpo feminino e, segundo o autor, para que isso ocorra, há um grande investimento e um regramento para se chegar a esse modelo de feminilidade considerada ideal.

Contudo, as *suicidegirls* também apresentam um disciplinamento que acabam criando uma norma para formar as suas feminilidades e sua referência de beleza. Todavia, é um disciplinamento diferente de outras mulheres, que são consideradas como enquadradas no padrão vigente de beleza. Isso porque elas agem seguindo outro modelo, outra conduta, ou seja, elas intervêm nos seus corpos não levando em consideração as normas produzidas por elas mesmas pelo que deve ser uma beleza *freak*. Fica claro na colocação feita por A, uma das fãs do sítio na comunidade do *Orkut Suicide Girls-BR*, quando a mesma coloca no tópico “*fora dos padrões*” que

*O diferencial do suicide girls hoje em dia são as diferentes formas de beleza. Não a mulher convencional siliconada, garota de academia com luzes no cabelo, se bem que ainda tem esse tipo lá também.*

Vigarello (2006) aponta que o ser belo/a deixou de ser um “dom”<sup>28</sup> como era em outros tempos. Atualmente, ela vai ao encontro do bem-estar, ao sentir-se bem com o próprio corpo e na busca de artefatos que satisfaçam a sua própria vontade. Para o autor (2006, p. 184), “o ‘predomínio do bem-estar’ é mesmo considerado fator primordial no mercado da beleza. É o que dizem, à sua maneira, os tratados de beleza, modelando a ‘melhor forma’ na maneira de se ‘sentir bem e em harmonia com o seu corpo’”. Assim, as modelos que fazem parte do *suicidegirls.com* estão indo atrás de uma beleza que lhes agrade e que satisfaçam os seus próprios gostos e que formem as suas próprias feminilidades, mesmo que essa seja considerada uma beleza *freak*. A Ilustração 19 apresenta parte de uma das performances realizadas para o sítio e que pode ser apontada como parte da beleza *freak*.



**Ilustração 19** – Esmeralda: aspecto da beleza *freak*: foto do perfil. Disponível em [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com) acesso em agosto de 2009

Por outro lado, ao mesmo tempo em que elas procuram demarcar uma beleza e uma feminilidade diferente da consolidada na sociedade, elas se utilizam de elementos em suas *performances* que seguem as normas atribuídas ao gênero feminino, como por exemplo, as posições, os gestos, o jogo entre olhos e boca, remetendo a uma referência de

---

<sup>28</sup> Denise Sant’Anna (2005, p. 125) aponta que no início deste século a “verdadeira beleza é a fornecida por Deus”, em outras palavras, era considerada como um dom, que a pessoa nascia com ela e não sendo caracterizado como uma conquista individual, com a utilização de artefatos culturais.

sensualidade nas roupas, nas cores, nos penteados e nas maquiagens<sup>29</sup>. Em outras palavras, embora as *suicidegirls* afirmem que buscam produzir outros corpos, outras feminilidades, estes investimentos acabam confirmando alguns aspectos das normas relacionadas aos corpos femininos essencializados. Na ilustração 20 trago exemplos de que, mesmo que o *suicidegirls.com* afirme que apresente uma beleza alternativa, por vezes, as performances e/ou os elementos utilizados ao longo das atuações remetem ao que tradicionalmente é considerado como parte de uma produção de feminilidade.



**Ilustração 20- Tiny e Cande: Elementos cênicos utilizados nas performances. Disponível em [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com). Acesso em agosto de 2009.**

Para exemplificar sobre o que o padrão de beleza feminina apresento a idéia da dissertação de mestrado realizada por Martins (2006) em que ela analisa os dispositivos que envolvem o ser gorda na sociedade e, em um capítulo em especial, a autora chama a atenção para o fato de que a questão estética ou o ser belo sempre foi associado às mulheres. Para ela, basta pensarmos nos grandes clássicos da literatura infantil que encontraremos a Branca de Neve, a Cinderela e a Bela Adormecida, entre outras. Essas “princesas” eram retratadas como o objeto de desejo por apresentarem aquele corpo esguio, traços delicados, pele e os olhos claros, cabelo sempre arrumado, tornando-se assim “ícones identificatórios” (p. 58) para a beleza feminina.

<sup>29</sup> A meu ver, esses atributos são considerados como elementos cênicos para as *performances* dessas mulheres.

Ao analisar o *suicidegirls.com* posso ver que, mesmo o sítio abrindo espaço para outros modelos de corpos, ao mesmo tempo, ele procura manter, através das *performances*, o que ao longo dos anos foi sendo construído como sendo modos de embelezamento para o ser mulher, como as maquiagens, os gestos, os traços delicados, as roupas...

Vigarello (2006), ao falar sobre os modos de embelezamento, coloca que a maquiagem e os cremes corporais servem como uma espécie de escudo para o corpo, pois eles, além de proteger contra tudo o que pode danificar a pele, também servem como um potencializador de uma aparência.

Para Vigarello (2006, p. 185):

a maquiagem, por exemplo, otimiza a aparência e reforça os limites naturais do eu, defende o indivíduo, preserva-o de agressões multiformes, afasta “tudo o que pode estragar a pele”. Os cremes se tornam ‘escrínio’, “escudo cutâneo”, “escudo vital”, “tela para-choque”, fórmula contra efeitos do estresse e da poluição, todos supostamente favorecendo a encenação, todos supostamente destinados a favorecer a expansão de si. Isso mistura pela primeira vez a imagem exterior e o efeito interior, a maquiagem e o cuidado, solicitação tão preciosa que “faz bem a você”.

Da mesma forma, as práticas do *body modification* - mesmo reconhecendo uma inscrição mais fixa e que acaba constituindo o próprio corpo das modelos - bem como a maquiagem, determinados acessórios utilizados pelas *suicidegirls* em seus corpos podem ser consideradas como uma espécie de escudo que potencializa e propõe direcionar o olhar para uma zona alvo.

Com esse “romper” para afirmar uma presença e seguir o padrão, as *suicidegirls* fazem com que pensemos, mais uma vez, que não é possível procurar demarcar um lugar para o que é considerado feminino nessa sociedade. Este “borramento das fronteiras” nos remete a pensar que os sujeitos podem produzir os seus corpos de maneira que lhes é satisfatório, mesmo que sigam outras condutas, estilos, normas.

Mesmo considerando que não exista uma demarcação do que é ser feminino, as *performances* das *suicidegirls* remetem a outras normas, pois para se estar dentro do sítio, é necessário que as modelos sejam disciplinadas, que sigam determinadas condutas para que os seus corpos sejam vinculados a esse espaço.

### 3.2.7. Algumas considerações

Com as *performances* realizadas pelas mulheres no *suicidegirls.com* posso afirmar, mais uma vez, que a feminilidade que se acredita ser construída a partir de uma norma legitimada pela ciência e pela religião, centrada em um poder que dita regras de como as mulheres devem se portar e agir na sociedade é substituída por outras normas instauradas nos espaços em que essas mulheres estão inseridas. No sítio, além das mulheres apresentarem características étnicas distintas, a grande parte delas utiliza algumas das técnicas do *body modification* como uma forma de fortalecer uma outra norma que elas mesmas produzem.

O que deve ser levado em consideração é o fato de que os gêneros, mesmo se inscrevendo sobre a materialidade biológica dos corpos, devem ser reconhecidos e legitimados por toda a sua trama social. Com isso, não posso afirmar o que é normal ou anormal para a produção de feminilidades, pois o que vai definir esses sujeitos são as relações de poder que se instauram nos espaços onde essas mulheres estão inseridas. Ao analisar os perfis disponíveis no sítio, onde as *suicidegirls* preconizam um rompimento com os mecanismos de poder que direcionam os modos de ser mulher na sociedade, o que deve ser levado em conta é que elas estão inseridas dentro de um contexto de normas que aquele espaço delimitou para elas.

Além disso, as *suicidegirls* ao mesmo tempo que vêm demarcando outras feminilidades e utilizando algumas técnicas do *body modification*, elas procuram, através das *performances* produzir um corpo que, em alguns casos, se adequa a um modelo de feminilidade que é “enraizado”, como por exemplo, a mulher vista como sendo sensual e provocante.

Em suma, por mais que as *suicidegirls* produzam um discurso de fuga de um enquadramento que indica um padrão de feminilidade, ao mesmo tempo pude perceber, a partir desse estudo que essas mulheres, em muitos momentos, se enquadram nos mesmos modelos corporais que ditam modos de ser femininos. Com as *performances* dessas modelos que utilizam algumas das técnicas do *body modification*, realizadas no sítio virtual *suicidegirls.com* pude identificar que existem técnicas voltadas para o corpo que ainda hoje esquadriham modos de ser feminina vinculada ao modelo naturalizado. Ou seja, mesmo que as grandes transformações sociais e culturais afetem os modos de vida das mulheres,

elas ainda acabam seguindo, como no caso das *suicidegirls*, o modelo legitimado do que é um “belo” corpo feminino.

### 3.2.8. Referencial

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autentica, 2009

COUTO, Edvaldo Souza. Uma estética para corpos mutantes, In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpos mutantes: ensaios sobre as novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo: a ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

FONSECA, Márcio Alves. Entre monstros, onanistas e incorrigíveis: as noções de “normal” e “anormal” nos cursos de Michel Foucault do Collège de France, In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população*. curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação, In. SILVA, Tomaz Tadeu. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: vozes, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, Jaqueline. *Tudo menos ser gorda*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NUNES, Claudio Ricardo Freitas; GOELLNER, Silvana Vilodre. O espetáculo do ringue e a potencialização de eficientes corporais, In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpos mutantes: ensaios sobre as novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PIRES, Beatriz F. *O corpo como suporte da arte*. São Paulo: Senac, 2005.

SANTIAGO, Jesús. Foucault e o neo-higienismo contemporâneo, In: PASSOS, Izabel C. Friche. *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANT' ANNA, Denise. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil, In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do corpo*. São Paulo: Liberdade, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, In: *Educação e realidade*. Porto Alegre, vol 20 nº 2, jul\ dez 1995.

SWAIN, Tania Navarro. Identidade nômade: heterotopias de mim, In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis B. Lacerda; NETO, Alfredo Veiga. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

### **3.2.9. Outras referências:**

[www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com), acesso em novembro de 2009;

[www.orkut.com](http://www.orkut.com), acesso em novembro de 2009;

[http://blog.uncovering.org/archives/2007/06/suicide\\_girls\\_o.html](http://blog.uncovering.org/archives/2007/06/suicide_girls_o.html), acesso em novembro de 2009.

### 3.3. AS VONTADES DE VERDADE: FEMINILIDADES PRODUZIDAS PELAS MULHERES A PARTIR DO *BODY MODIFICATION*<sup>30</sup>

**3.3.1. Resumo:** Com este artigo tenho como objetivo apresentar as maneiras pelas quais algumas mulheres que estão inseridas em espaços educativos informais percebem os seus corpos e as suas feminilidades a partir do uso de técnicas do *body modification*. Para isso, realizei essa pesquisa sob a perspectiva dos Estudos Culturais, mais especificamente utilizando alguns instrumentos da análise do discurso, sob a perspectiva das análises de Michel Foucault. Dessa forma, fiz entrevistas não-estruturadas com cinco mulheres que responderam questões que giraram em torno dos estudos da corporeidade e da produção de feminilidades. Assim, a partir da análise dos discursos produzidos foi possível verificar que, mesmo algumas reconhecendo que não existe um modelo de feminilidade, ao mesmo tempo, essas mulheres colocam que as marcas do *body modification* são maneiras de potencializar a feminilidade legitimada pela sociedade.

**Palavras-chave:** *body modification*, pedagogia cultural, produção de feminilidades, resistência, vontade de verdade.

**Title: Wills truth: femininity produced by women from the Body modification**

**3.3.2. Abstract:** With this article I aim to present the ways in which some women that are included in informal educational spaces perceive their bodies and their femininity from the use of techniques of body modification. It carries out this research from the perspective of Cultural Studies, more specifically using some instruments of discourse analysis from the perspective of Michel Foucault. Thus, I conducted unstructured interviews with five women who answered questions that revolved around the study of corporeity and the production of femininity. This way, from the analysis of discourses produced by these women was also observed that even some of them recognizing that there is a model of femininity at the same time, these women put the brand of body modification are ways to potentiate femininity legitimized by society.

**Keywords:** body modification, cultural pedagogie, production of femininity, resistance, wills for truth.

---

<sup>30</sup> Artigo submetido à Revista Educação e Realidade.

### 3.3.3. Introdução

*Diz-se que corpos carregam marcas. Poderíamos então, perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pelos, nas formas, nos traços, nos gestos? O que elas “dizem” dos corpos? Que significam? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente, à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuam, sugerindo, qualificando, nomeando? Há corpos “não-marcados”? Elas, as marcas, existem, de fato? Ou são uma invenção do olhar do outro?*

LOURO, 2004

Tomo emprestado essa colocação que Louro (2004) inicia um de seus estudos, pois ela me faz pensar nas inúmeras marcas que os sujeitos levam em seus corpos: marcas que delimitam profissões, os espaços que transitam, os gêneros que carregam, os comportamentos... Marcas que denotam um tempo, um espaço e definem as posições das quais os sujeitos falam. Marcas de uma cultura, de uma identidade, de um tempo histórico.

Dentro das inúmeras possibilidades de inscrição de marcas sobre os corpos, com essa escrita, tomo duas delas para me debruçar. Estas podem ser visíveis e ao mesmo tempo invisíveis aos olhos dos outros, mas demarcam um tempo e um espaço na qual os sujeitos da pesquisa estão inseridos: as marcas do *body modification* enquanto produtoras de feminilidades no espaço educativo da rua. Esse espaço faz parte do que é chamada pedagogia cultural, pois educa modos de ser/estar sujeitos na sociedade na qual se inserem.

As pedagogias culturais mostram que a escola não é o espaço único e exclusivo que desenvolve o processo de ensino-aprendizagem, mas que a educação é exercida nos múltiplos espaços sócio-culturais nas quais os sujeitos estão inseridos. Nesse sentido, a rua pode ser tomada como parte de uma cultura que transmite uma série de aprendizados para os sujeitos. De acordo com Meyer (2003, p. 22), a pedagogia cultural “decorre, exatamente, da ampliação das noções de educação e de educativo, e com ele se pretende englobar forças e processos que incluem a família e a escolarização, mas que estão muito longe de se limitar a elas ou, ainda, de se harmonizar com elas”.

A autora coloca ainda que as brincadeiras infantis, os espaços virtuais, os meios de comunicação, os filmes, as músicas, as revistas, a cultura, de maneira geral, podem ser tomadas como partes dessas pedagogias que educam e produzem os corpos, as sexualidades e os gêneros dos sujeitos. Dessa forma, as pedagogias culturais constituem-se como artefatos produtivos que legitimam as práticas de constituição do sujeito, inventando sentidos, circulando e operando nas e pelas instâncias culturais, através das quais os significados são enunciados e as hierarquias estabelecidas. Assim, penso a rua como sendo uma pedagogia por produzir maneiras de pensar e viver as feminilidades a partir de algumas técnicas do *boby modification*.

Nesse sentido, tomo o conceito de *body modification* como sendo aquele que engloba uma série de cirurgias que os sujeitos realizam voluntariamente em seus corpos e tendo como resultado, marcas que diferem das biologicamente definidas. Pires (2005, p. 77) atenta para o fato de que “podemos agrupar os elementos resultantes das técnicas as características que surgem como reação do organismo a determinados procedimentos, tais como as cicatrizes resultantes de queimaduras e escarificações”. Dentre essas marcas destaco os *piercings*, as tatuagens, as escarificações, as bifurcações de língua, entre tantas outras.

Essas técnicas, durante muito tempo, foram reconhecidas por construírem certas identidades culturais, demarcarem algumas tribos, ritos de passagem, formas de expressão contra determinados procedimentos sociais, contudo, atualmente, com a máxima colocada por Silva (2006) em que as pessoas procuram estar “100% diferentes” esses procedimentos podem ser reconhecidos também como estratégias que constroem feminilidades. Em outras palavras, o *body modification* demarca quem são e como são produzidas as feminilidades nos diferentes espaços sociais.

Sendo assim, nesse estudo, tenho como objetivo discutir de que maneira as mulheres inseridas em um espaço que reconheço como pedagógico - a rua<sup>31</sup> - percebem as suas próprias feminilidades a partir da utilização das técnicas do *body modification* em seus corpos. Para tal, estabeleço uma relação com algumas contribuições dos Estudos Culturais, mais especificamente, com aporte teórico foucaultiano, pois esse campo de

---

<sup>31</sup> Os espaços que me inseri para realizar as entrevistas desse estudo foram o Largo Dr. Pio e a Avenida Rio Grande, na cidade do Rio Grande, nos meses de dezembro e janeiro de 2010, pois esse é o período em que a população desta cidade dobra pelo fato de conter um balneário. As entrevistas foram realizadas pessoalmente com a utilização de um gravador e em seguida foram transcritas.

pesquisa vem contribuindo para pensar o corpo e suas interconexões, em uma perspectiva cultural e envolta em relações de poder.

Para desenvolvimento dessa pesquisa, utilizei como método, instrumentos da análise do discurso, pois entendo que essa metodologia me auxilia a pensar na rua como sendo uma pedagogia composta por uma gama de enunciados dispersos que produz discursos e educa os corpos dos sujeitos. Para Foucault (2002, p. 31-32)

a análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso [...] A questão que permite a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem a tona no que se diz e em nenhuma outra parte?

Em outras palavras, o discurso não deve ser reconhecido apenas como uma junção de enunciados que remetem a representações, mas sim compreender esses enunciados como práticas que auxiliam na formação dos objetos/ sujeitos da qual está sendo falado. Foucault (2002) coloca que esses enunciados podem ser da ordem falada ou escrita e funcionam como signos, mas não como quaisquer signos e sim aqueles reconhecidos como práticas que ajudam na análise do objeto que está sendo estudado.

Dessa forma, como instrumento para coleta de dados realizei entrevistas não-estruturadas com doze questões<sup>32</sup> que envolviam temáticas que iam desde a concepção de corpo e feminilidade até as referentes à maneira como elas se percebiam enquanto mulheres que utilizam as marcas do *body modification*. Para isso, contei com a participação de cinco mulheres que estavam inseridas nos espaços delimitados e que utilizam as técnicas do *body modification* como forma de produzir as suas feminilidades.

A partir da análise das falas dessas mulheres, que para mim serviram como enunciados que as próprias mulheres produziram, procurei estruturar este texto de maneira que viesse a contemplar as temáticas que emergiram como respostas das entrevistas:

---

<sup>32</sup> As questões utilizadas para esse estudo são as seguintes: Qual a sua concepção de corpo? O que é ser mulher para você? Ser feminina está associado a quê? Para você, existe uma conduta para viver a feminilidade? Existe uma forma específica de ser mulher? Por quê? Qual a relação entre corpo e feminilidade? Conhece o conceito *body modification*? As marcas do *body modification* que apresentas no corpo são maneiras de potencializar uma feminilidade? Como descreveria essa feminilidade? Onde estão e quais são essas marcas? Por que a escolha dessa(s) marca(s) e não outra e nesse(s) lugar(s) do corpo? Há quanto tempo possui a marca? Algum arrependimento? Essa(s) marca(s) faz (em) parte de alguma tribo/ grupo?

primeiramente me preocuparei em traçar um panorama sobre a concepção de corpo e feminilidade que essas mulheres apresentam e, em seguida, a maneira como elas percebem as marcas do *body modification* enquanto parte de suas feminilidades e que instauram determinadas verdades sobre o ser feminina na sociedade. Assim, para que se tenha uma melhor discussão das temáticas abordadas, as partes seguintes que compõem esse artigo apresentam fragmentos das entrevistas.

### 3.3.4. Entre corpos e feminilidades

A primeira temática abordada nas entrevistas que realizei para esse estudo se referia às concepções de corpo para essas mulheres. Três respostas para mim foram as mais expressivas por estarem relacionadas aos modos pelas quais as mulheres percebem os seus corpos: como um objeto, um acessório, um material que expressa as vontades.

*S<sup>33</sup> - Corpo, hmm, é a parte material de nossa existência, nosso lar em vida.*

*A- O corpo é o nosso cartão de visita, através dele expressamos nosso estado de espírito, nossa vaidade.*

*P- O corpo é a nossa roupa de carne que nos permite ter a liberdade de executar movimentos e atitudes que pensamos e desejamos.*

Le Breton (2007, p. 29) coloca que o corpo tornou-se algo que externa os nossos anseios. O que temos interiorizado precisa ser externado e transfigura-se em nossa superfície - a pele. “É preciso colocar para fora de si para se tornar si mesmo. Mais do que nunca, repetindo Paul Valéry, ‘a pele é o mais profundo’”. Dessa forma, o corpo é reconhecido, não por sua anatomia e fisiologia, mas como um objeto transitório e que é

<sup>33</sup> Para preservar as identidades das participantes da pesquisa, estou utilizando somente as iniciais de seus nomes.

manipulável para se adequar às múltiplas identidades que o indivíduo vai sendo interpelado. Para o autor (2007, p. 28), o corpo deixou de ser uma “identidade de si, destino de uma pessoa, para se tornar um *kit*, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal”<sup>34</sup>.

Enquanto um “*lar em vida*” o corpo é reconhecido como algo que todos os sujeitos possuem e é construído a partir de um constante ir e vir, levando em consideração as normas e condutas estabelecidas dentro dos espaços sociais.

Para Le Breton (2007, p. 31)

‘é por seu corpo que você é julgado e classificado’ [...] Nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si. É melhor construí-lo sob medida para derrogar ao sentido da melhor aparência. Seu proprietário, olhos fixos nele mesmo, cuida para torná-lo seu representante mais vantajoso.

Corroborando com essa idéia, Goellner (2003, p. 28) coloca que o corpo pode ser reconhecido como uma materialidade,

uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é portanto algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

O corpo é considerado como “*uma roupa de carne*”, na qual é atravessado por inúmeras marcas que vão modificando-o cotidianamente. Butler (apud Louro 2004, p. 79) afirma que os corpos são habitados por discursos e que esses são carregados como partes do “próprio sangue”. Essa metáfora me faz pensar nas questões de gênero, especificamente o feminino, que é o foco desse estudo, enquanto um discurso que é produzido a partir dos corpos dos sujeitos. Parto da idéia de Louro (2004, p. 81), ao afirmar que “não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias”.

Assim, é possível perceber, mais uma vez, que o corpo não pode ser reconhecido como um objeto dado, natural, mas reconhecê-lo enquanto histórico, que é educado na e

---

<sup>34</sup> Grifo do autor.

através da cultura na mesma ordem em que é produtor da cultura, diante das inúmeras relações de poder<sup>35</sup> que o interpela.

Ao serem questionadas sobre a possibilidade de relação entre corpo e produção de feminilidades, todas as mulheres entrevistadas destacaram que existe um vínculo entre corpo e feminilidade, sendo a feminilidade expressa a partir dos seus corpos. Alguns fragmentos que considero mais relevantes são os seguintes:

*S- Acredito que a feminilidade é visível no corpo, na forma como ele é exposto na sociedade, além do comportamento.*

*P- A relação entre corpo e feminilidade é justamente na maneira de como a mulher feminina utiliza e cuida do seu corpo.*

*A- Os dois estão associados. Através do corpo é que expressamos a nossa feminilidade.*

Mesmo reconhecendo que o corpo está diretamente ligado ao processo de produção de feminilidades e que o mesmo é o que é devido aos espaços sócio-culturais nas quais estão inseridos, algumas das mulheres que participaram desse estudo ainda reconhecem o corpo feminino enquanto possuidor de uma feminilidade que é inata e legitimada pela sociedade, ou seja, para essas mulheres ser feminina significa ser frágil, delicada, gentil e vaidosa. Exemplos disso podem ser ilustrados nas falas de A e G.

*A- Está associada à delicadeza, a classe, a meiguice, ao poder de saber transmitir suas idéias sem precisar de atitudes grosseiras, e também a ter certa vaidade.*

---

<sup>35</sup> Em uma perspectiva foucaultiana, o poder sempre se estabelece e tem seu funcionamento em rede/ relação. Para o autor (2006, p. 231), “as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo”.

*G- Está associado a vaidade, as formas gestuais, na forma em que a pessoa se expressa e até mesmo na forma que pensa. No mundo lésbico, ser feminina está associado à forma como as mulheres se vestem, não importando o que sejam na cama.*

A partir desses excertos, ao retomar o foco do meu estudo é possível entender que as marcas produzidas através do *body modification*, remetendo a uma possível transgressão aos modelos de ser feminina, nessas mulheres, não produzem necessariamente uma forma completamente diferente de se perceber mulher. As marcas que apresentam em seus corpos sugerem uma acentuação do que ainda hoje é considerado como feminino: um ser delicado, meigo, gentil, envolto por vaidade...

Além disso, outro discurso que ainda hoje é presente é associando o ser feminino à maternidade. P afirma que:

*Para mim, ser feminina é ter a capacidade de ser delicada e ao mesmo tempo ser firme e forte. É poder ser abençoada pela natureza com a dádiva de gerar um bebê.*

Meyer (2003b), ao problematizar as representações do ser mãe em programas de saúde, coloca que existe uma série de enunciados que ainda hoje atrelam as mulheres à maternidade e isso se tornou algo naturalizado, ou seja, os atributos e características do ser mãe se tornaram algo que faz parte do “senso comum”. Essa vinculação – mulher-maternidade – deve-se ao fato de que existe uma série de campanhas publicitárias<sup>36</sup> e médico- científicas que educam, disciplinando os corpos das mulheres para que elas apresentem condutas “adequadas”. Esse disciplinamento faz com que a feminilidade seja considerada como “dádiva de gerar um bebê”, como destaca P.

---

<sup>36</sup> Essas campanhas publicitárias e científicas podem ser reconhecidas, em uma perspectiva foucaultiana como fazendo parte de um Biopoder, um poder exercido sobre a vida da população. Para Foucault, o Biopoder é complementar ao poder disciplinar. Está baseado em técnicas de prevenção, ou seja, em um disciplinamento dos corpos da população como um todo. É uma estratégia de governo que funciona sobre a população. Para mais ver FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Para Meyer (2003b, p. 34)

Educação e Saúde são dois dos campos de conhecimentos e práticas que produzem, atualizam e repetem, incessantemente, *o que a mãe é ou deve ser* e sua "autoridade científica" constitui uma importante estratégia de naturalização e universalização de tais definições.<sup>37</sup>

Em outras palavras, mesmo entendendo que os discursos são produzidos na e pela sociedade, dependendo do contexto cultural de cada grupo, “*ser mãe, frágil, meiga, forte, ter vaidade*” é algo que permeia a sociedade e se tornou uma espécie de norma<sup>38</sup> para as mulheres produzirem as suas feminilidades, ou seja, essa funciona atribuindo características nas quais as mulheres devem seguir, para que elas apresentem condutas consideradas como verdadeiras e “adequadas”.

Não são somente os argumentos médico- científicos que impõem características para as mulheres, mas também há discursos religiosos que ainda hoje interpelam as mulheres, principalmente vinculando-as ao ser pecaminoso e portador de uma sexualidade descomedida, direcionando como estas devem conduzir as suas feminilidades e o que elas devem ou não fazer.

A partir desses modos de ser feminina são definidas condutas adequadas para o ser mulher. P, quando questionada sobre estas condutas adequadas à mulher, afirma que

*Tudo na vida tem uma medida certa, a melhor conduta para viver a feminilidade é encontrar a medida perfeita entre a classe, a elegância, a vaidade e a delicadeza desde que possam ser vivenciadas de forma sadia e agradável tanto para si quanto para as pessoas que se convive.*

Soares (2006, p. 62) coloca que a construção das identidades de gênero tem sido marcada pela dualidade entre o público e o privado. “Ao longo dos anos, as mulheres vêm

---

<sup>37</sup> Grifos da autora.

<sup>38</sup> A partir do conceito utilizado por Foucault, Castro (2009, p. 310) define que a norma se refere aos atos e às condutas dos indivíduos, a um domínio que é, ao mesmo tempo, um campo de comparação, de diferenciação e de regra a seguir (a média das condutas dos comportamentos). [...] A norma mede em termos quantitativos e hierarquiza em termos de valor a capacidade dos indivíduos. [...] A norma, a partir da valorização das condutas, impõe uma conformidade que se deve alcançar; busca homogeneizar. [...] A norma, finalmente, traça a fronteira do que lhe é exterior (a diferença com respeito a todas as diferenças), a anormalidade.

sendo associadas a natureza [...]. As mulheres são o coração [...], da subordinação feminina pelo desempenho de atividades de pouca visibilidade, escondidas no recesso do lar.”

Contudo, com essa instabilidade social<sup>39</sup> na qual estamos vivendo não é possível considerar que exista uma conduta ou uma norma pré-estabelecida para viver o feminino, isso porque existem inúmeras formas de se viver na sociedade, cada uma com as suas particularidades, com os seus micropoderes instaurados. Com isso, não é possível considerar que existam características, como define Louro (2007a, p. 56), “enraizadas” para o ser mulher.

A autora (2007b) coloca que as identidades sexuais e as de gênero precisam ser reconhecidas como contingentes e transitórias, ou seja, elas apresentam um caráter fragmentado, plural, instável e dependem do grupo e do espaço na qual essas mulheres estão inseridas. Como ilustração a idéia de Louro, resgato os fragmentos de S e G, quando as mesmas colocam que

*S- Existem várias condutas para viver a feminilidade, cada pessoa desenvolve a sua forma de expressar, assim como não existe uma forma específica de ser humano, cada um tem a sua subjetividade.*

*G- Não existe necessariamente uma conduta, com padrões e formas fixas, não existem critérios pré-estabelecidos.*

Neste sentido, Meyer (2003a, p. 17) nos diz que o conceito de gênero “acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade.” Assim, uma das maneiras pelas quais as mulheres vêm utilizando como forma de viver as suas feminilidades é com algumas marcas produzidas pelo *body modification*.

<sup>39</sup> Bauman (2002, p. 7) faz uma ilustração em seu estudo comparando os gases químicos às sociedades atuais. Para ele devemos pensar que as sociedades, assim como os gases, são fluidos, ou seja, “eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis e assim sofrem uma constante mudança de forma quando submetidas a tal tensão.” Em outras palavras, no período que vivemos não é possível considerar que a sociedade seja imutável, mas marcada por uma instabilidade, mobilidade e constante adequação.

### 3.3.5. Feminilidades verdadeiras ou resistidas? O *body modification* demarcando corpos de mulheres

No constante ir e vir da rua, muitas mulheres passam, cada uma com um comportamento, com suas identidades, suas próprias marcas produzidas pelos espaços nas quais estão inseridas e que mostram quem são essas mulheres. Com isso, alguns questionamentos me fazem presentes: por que a Av. Rio Grande e Largo Dr. Pio não podem ser reconhecidos como espaços que produzem verdades? Somente a ciência e a religião podem ser espaços legitimados para produzir verdades? As marcas do *body modification* remetem apenas a maneiras de resistir à feminilidade legitimada pela sociedade? Essas são algumas indagações presentes em minha mente e que me fazem refletir sobre o que é verdade e de que forma ela se instaura nos corpos das mulheres, produzindo as suas feminilidades.

Como comentado anteriormente, ao longo dos anos, em algumas culturas, foram constituídos inúmeros discursos – alguns vinculados ao determinismo biológico - que normatizavam condutas “adequadas” ao comportamento das mulheres. Esses discursos foram tomados como verdade, na qual os sujeitos deveriam acreditar e seguir. Entretanto, Scott (1995) coloca que não se devem negar as características biológicas para a produção das masculinidades e feminilidades, mas elas não devem ser tomadas como as únicas normas para viver os gêneros, pois as questões sócio-culturais também interferem diretamente sobre os modos de vida dos sujeitos produzindo as suas próprias normas. Colaborando com essa idéia, Louro (2004, p. 82) afirma que

para garantir a coerência, a solidez e a permanência da norma, são realizados investimentos – continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos produzidos a partir das múltiplas instâncias sociais e culturais: postos em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pela mídia ou pelos médicos, com o propósito de afirmar e reafirmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades.

A rua pode ser reconhecida como uma pedagogia cultural e como tal deve ser considerada como um espaço que também interpela os sujeitos, instituindo normas e, com isso, educando os corpos que passam por ela. Esse espaço apresenta uma gama de mulheres, cada uma com as suas identidades e crenças, diferenciando-se nos modos como vivenciam as suas feminilidades. Assim como expressado anteriormente através das falas

de S e G, não existe uma maneira, uma conduta adequada para viver a feminilidade, mas inúmeras formas que denotam como são os corpos femininos.

Nessa pedagogia cultural, considero o Largo Dr. Pio e a Avenida Rio Grande como um espaço repleto de enunciados, heterogêneos e dispersos, mas que possuem algumas regularidades entre si. Esses enunciados acabam constituindo parte de um discurso que diz respeito às maneiras pelas quais as mulheres produzem as suas feminilidades e o *body modification*, nesse sentido, pode ser considerado parte desse discurso.

Dentro desse contexto, as técnicas do *body modification* são utilizadas para construir as feminilidades de muitas mulheres e essas marcas são, muitas vezes, sugeridas como uma forma de uma resistência às normas que foram, ao longo dos anos, sendo constituídas para as mulheres. Isto sugere que as mulheres que utilizam as técnicas do *body modification*, não sigam as condutas que foram instituídas para elas, mas criando outras normas para gerenciar os seus corpos.

Foucault (1995) coloca que a resistência é inerente às relações de poder que se instauram na sociedade, em outras palavras, não existem relações de poder sem que haja alguma forma de resistência, por parte de algum indivíduo ou grupo social, contudo, como salienta Veiga Neto (2007), a resistência não é uma antítese ao poder, mas sim o outro em uma relação de poder, já que o poder é algo que se estabelece em relação, passando pelos indivíduos. Branco (2008) aponta, a partir de Foucault, que a resistência é uma força que se exerce contrária a determinadas técnicas de normalização que estão colocadas na sociedade devido a forças de poder. Essas resistências se dão, para o autor, contra as formas assujeitamento e submissão.

Em Foucault (1995, p. 234) as lutas de resistência são entre outras questões:

Lutas 'imediatas' por duas razões. Em tais lutas criticam-se as instâncias de poder que lhes são mais próximas, aquelas que exercem suas ações sobre os indivíduos. Elas não objetivam o 'inimigo mor', mas o inimigo imediato. Nem esperam encontrar uma solução para seus problemas no futuro (isto é, liberações, revoluções, fim da luta de classe). Em relação a uma escala histórica de explicação ou uma ordem revolucionária que polariza o historiador, são lutas anárquicas. [...] São lutas que questionam o estatuto de indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo.

Nessa perspectiva, as técnicas do *body modification* utilizadas por algumas mulheres vem, por vezes, demarcar uma forma de resistir as condutas que são colocadas para elas como “adequadas” e verdadeiras. Com as tatuagens, *piercings*, implantes elas procuram produzir outras maneiras de gerir os seus corpos, ou seja, seria uma maneira de auto-governar as suas feminilidades. Posso elucidar isso a partir da fala de G, que ao ser questionada se as técnicas do *body modification* são maneiras de potencializar a sua feminilidade, responde:

*Não. Pelo contrário, minhas tatuagens e piercings na maioria das vezes tentam mascarar a feminilidade que existe por eu ser mulher.*

Em contrapartida, outras mulheres que participaram desse estudo afirmam que as marcas produzidas pelo *body modification* são meios que elas utilizam para acentuar aquilo que a sociedade definiu como atributos femininos. Algumas espécies de *piercings*, escarificações, tatuagens e tantas outras técnicas podem ser reconhecidas como enunciados que vêm afirmando o que é considerado verdade sobre ser feminina. Para algumas delas, mesmo que no discurso coloquem que não há uma maneira universal, naturalizada, uma conduta correta para viver o feminino, elas acabam lançando mão do que é legitimado pela sociedade, considerado como verdade para o gênero feminino e afirmando que as marcas do *body modification* simplesmente potencializam essas identidades femininas.

A e T colocam o porquê das técnicas do *body modification* em seus corpos:

*A- Essas modificações que fiz em meu corpo me fizeram refletir sobre mim, sobre minhas atitudes e principalmente sobre a forma de me relacionar com os outros e meu comportamento, que é diretamente influenciado pela feminilidade.*

*T- Me considero uma pessoa bem vaidosa e meus piercings e tatuagens foram maneiras que encontrei de expressar isso.*

Ao ser questionada do porque dessas marcas, P responde que

*Escolhi uma borboleta, pois ela representa a metamorfose, de uma lagarta para um lindo inseto, o que aconteceu comigo da infância para a adolescência, quando perdi 20 kg. Antes de escolher o lugar definitivo da minha borboleta eu refleti muito, pois é algo muito sério que ficaria definitivamente em meu corpo. Optei pelas minhas costas justamente por ser um lugar em que eu não tenha acesso com meus olhos a todo momento, e também por ser um lugar onde minha tatuagem só apareceria se eu quisesse, e não sempre, independentemente da roupa que vestisse. Outro motivo que optei pelo canto inferior direito de minhas costas é pelo fato de quando eu me tornasse idosa, ela não ficaria à mostra.*

Outro fragmento destacado e que vem ao encontro dessa verdade legitimada do que é ser mulher e essa potencialização do ser feminina está presente na fala de S, quando questionada sobre algum arrependimento:

*S- Minha primeira tatuagem foi aos 14 anos. Fiz ela em um momento em que eu estava tentando formar uma identidade, essa marca foi feita por mim mesma, são minhas iniciais gravadas no meu pulso, que fiz com um estilete e era uma tentativa de encontrar-me e mostrar aos outros quem eu tentava ser. É a única da qual hoje me arrependo, por esteticamente não ter ficado muito bonita, pretendo futuramente refazer minhas iniciais por cima com uma fonte melhor. Minhas outras tatuagens são felinas e encontram-se nas costas, pois acredito estar muito ligada aos felinos e nas costas como sinal de proteção, para protegerem um local a qual não tenho visão. Meus piercings estão localizados a maioria nas orelhas, apresentando um transversal e um dilatador, um no umbigo e um na língua, locais onde em minha menor idade eram permitidos fazer buracos.*

Essas colocações me fazem refletir em como são fortes esses discursos que pedagogizam os corpos femininos, vinculando-os, ainda hoje, ao cuidado, à estética, ao delicado, ao medo do envelhecimento, fazendo com que essas características sejam reconhecidas enquanto uma verdade. Em um viés foucaultiano, verdade não pode ser

tomada como algo universal, mas como algo que é criado, levando em consideração as inúmeras relações de poder nas quais os indivíduos estão inseridos.

Não existe uma “verdade verdadeira” uma instância suprema, o que existem são discursos que produzem e ditam certas normas. Nesse sentido, ao definir essas normas elas fixam modelos e passam a descrever os comportamentos femininos. Nas palavras de Foucault (2006, p. 233), ele não entende verdade como norma, mas sim como

o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros. Não há absolutamente instância suprema. Há regiões onde esses efeitos de verdade são perfeitamente codificados, onde o procedimento pelos quais se pode chegar a enunciar, as verdades são conhecidas previamente, regulados.

Além disso, o autor (1996, p. 11) coloca que o conceito de verdade pode ser constituído sob duas óticas:

a primeira é uma espécie de história interna da verdade, a história de uma verdade que se corrige a partir dos seus próprios princípios de regulação: é a história da verdade tal como se faz na ou a partir da história das ciências. Por outro lado, parece-me que existem, na sociedade, ou pelo menos, em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas – regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber – e por conseguinte podemos, a partir daí fazer uma história externa, exterior, da verdade.

Para isso, Foucault (2009) afirma que houve um deslocamento nos entendimentos de verdade. Enquanto no século VI, os gregos acreditavam em uma verdade suprema, manifestada por quem tinha o poder, a partir do século seguinte –VII – a verdade já não estava localizada na ordem do enunciável, mas do enunciado em si, desligando-se das hierarquias de poder de outrora.

Esse deslocamento marca a denominada “vontade de verdade”, na qual vem atravessando os séculos e que está vinculada, segundo Castro (2009), àquilo na qual os discursos dizem. A vontade de verdade, para Foucault, pode ser reconhecida como sendo a emergência de novos conhecimentos, novas formas de pensamento, gerando, com isso, novas regras para as sociedades e novos sistemas de exclusão.

Nas palavras de Foucault (2009, p. 17)

essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.

Nesse sentido, mais do que nunca, é possível compreender a verdade como uma criação, como “regras” de um jogo, que parte de uma vontade. Isso porque esses princípios foram, ao longo dos anos, constituindo os saberes. Dessa forma, os saberes que foram compostos para as mulheres e as suas maneiras de produção vieram sendo construídas a partir das vontades que eram expressas como verdades para a produção das feminilidades. Para Foucault (2009, p. 19), é “como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário.”

Entretanto, se por um lado, essa vontade de verdade vem formando novos sistemas de exclusão, supostamente ela acaba estabelecendo um comportamento desviante para aquelas mulheres que utilizam as técnicas do *body modification*, isso porque tais práticas sugerem um discurso de resistência aos modos de ser feminina, contra as verdades que são reconhecidas como supremas. As técnicas empregadas por essas mulheres aludem uma “contra verdade”, ou seja, elas produzem as feminilidades com artefatos que ainda não são considerados “normais” pela sociedade. É contra essas verdades que são reconhecidas como supremas e que carregam um sonho de ordem, um sonho de normalidade, que algumas mulheres que utilizam as técnicas do *body modification* buscam resistir e produzir outros modelos de feminilidades.

Por outro lado, a partir de fragmentos trazidos das falas de outras mulheres que participaram desse estudo, pude perceber que as marcas produzidas pelo *body modification* corroboram para que produzam, a partir de seus corpos, uma feminilidade considerada normal. Elas afirmam que as técnicas do *body modification* utilizadas em seus corpos potencializam as feminilidades que assumem: um feminino marcado pela valorização da sensibilidade, pela “*dádiva de ser mãe*”, pelo cuidado com as formas de comportar-se, ou seja, elas acabam evidenciando uma feminilidade esperada para elas.

### **3.3.6. “... ainda algumas considerações”**

Essa colocação de Meyer (2003a, p. 24) me auxilia a pensar esse momento do texto, pois, desde o início dessa escrita, venho apresentando considerações acerca de como são produzidas as feminilidades sobre os corpos de mulheres que apresentam as técnicas do *body modification* em dois espaços informais da cidade do Rio Grande.

Com esse estudo, que não considero encerrado, me foi possível problematizar que, ao longo dos anos se constituíram algumas vontades de verdade pautadas em alguns discursos sobre o que é ser feminina. No entanto esses discursos não deveriam ser vividos como se fosse “a verdade”, pois existem inúmeras formas de viver as feminilidades e essas denotam inúmeras verdades.

Mesmo assim, algumas mulheres ainda consideram que exista uma conduta, uma verdade para viver as suas feminilidades, além de estarem ligadas à maternidade e ao ser frágil. Algumas das entrevistadas consideram que a utilização de escarificações, *piercings* e tatuagens são maneiras de potencializar um determinado modo de ser feminina. Mesmo que, em alguns casos, afirmem que não existe uma conduta correta para viver as suas feminilidades, elas acabam também vinculando as modificações corporais ao que é ser feminino legitimado pela sociedade.

Em contrapartida, outras mulheres reconhecem as técnicas do *body modification* empregadas em seus corpos como uma forma de resistência ao modelo de feminilidade que é instaurado. As técnicas utilizadas por essas mulheres vêm sugerindo uma contra verdade, ou seja, elas não reconhecem que existam atributos verdadeiros para ser feminina. Assim, elas vêm produzindo uma resistência às maneiras pelas quais essas verdades sobre as mulheres são postas em funcionamento.

Dessa forma, as técnicas do *body modification* estão demarcando momentos da vida das mulheres e esses momentos vêm assinalando que existem diversos discursos circulando nos espaços analisados. Assim, como afirma Foucault (2008b, p. 14), “não se trata de libertar a verdade de todo o sistema de poder [...], mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento”.

### **3.3.7. Referencial**

BAUMAN, Zigmund. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

BRANCO, Guilherme Castelo. Ontologia do presente, racismo, lutas de resistência, In: PASSOS, Izabel C.Friche. *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder, In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, NAU, 1996.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos IV. Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população*. curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008b.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papyrus, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2007b.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003a.

\_\_\_\_\_. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos, In: *Movimento* Porto Alegre, v.9, n. 3, p.33-58, set./dez. de 2003b.

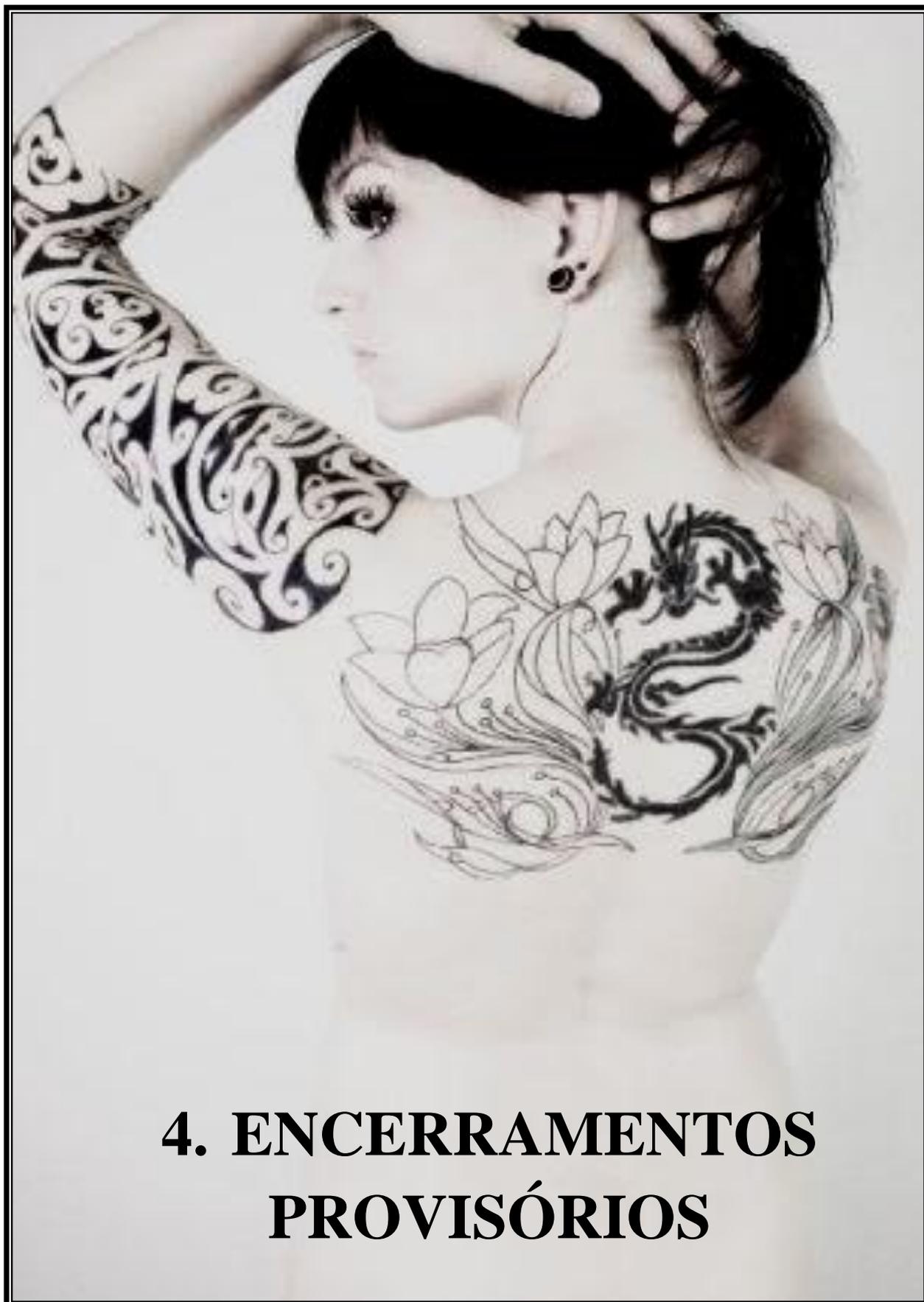
PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte*. São Paulo: Senac, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, In: *Educação e Realidade: Gênero e educação*. Porto Alegre: UFRGS, jul/ dez 1995

SILVA, Méri Rosane Santos. Cutting, Piercings, Tatuagens, Dopning: (re) significando os corpos, In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Méri Rosane Santos; RIBEIRO, Paula Regina da Costa. *Corpo, Gênero, sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: FURG, 2006.

SOARES, Guiomar Freitas. Da invisibilidade a cidadania: um estudo sobre as identidades de gênero, In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Méri Rosane Santos; RIBEIRO, Paula Regina da Costa. *Corpo, Gênero, sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: FURG, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.



## **4. ENCERRAMENTOS PROVISÓRIOS**

O título que escolhi para essa parte do trabalho me auxilia a pensar esse momento, pois, desde o início dessa dissertação, venho apresentando considerações acerca de como são produzidas as feminilidades sobre os corpos de mulheres que apresentam as técnicas do *body modification* em três espaços – dois na cidade do Rio Grande e um virtual. Nesse momento, que tradicionalmente seria uma conclusão, não considero que esteja fechando o assunto, isso porque ele está distante de ter um fim. A cada dia que passa, os espaços sócio-culturais se modificam, mulheres diferentes percorrem esses espaços, com isso, construindo outras maneiras de ser femininas.

O que trago registrado aqui está visto com o meu olhar, por vezes, cansado, além de estar viciado, e que procura, a todo o momento, respostas para as minhas interrogações. Para mim, as entrevistas, o contato mais direto com as mulheres adeptas do *body modification* e a “descoberta” do *suicidegirls.com* vem ao encontro do que estou estudando, ou seja, as maneiras pelas quais são produzidas as feminilidades com a utilização de *piercings*, tatuagens, escarificações.

Dessa forma, a escrita dessa dissertação me possibilitou perceber outras formas de reconhecer a ciência, desvinculando-a das metanarrativas que a compuseram outrora, em outras palavras, as verdades que eram legitimadas pela ciência sobre a maneira pela qual as mulheres deveriam produzir as feminilidades não podem ser reconhecidas como verdades absolutas. Ao invés disso, me propus com esse estudo, pensar na ciência como sendo aquela que está compreendida no discurso produzido pelos próprios sujeitos, a partir das vontades de verdade expressas por eles. Essas vontades, no meu trabalho, se expressam a partir das maneiras pelas quais as mulheres produzem as suas próprias feminilidades, utilizando, para isso, as técnicas do *body modification*.

Ao pensar nas produções de feminilidade, não posso reconhecer que elas são construídas somente levando em consideração as características anatomo-fisiológicas dos corpos, mas entendê-las como uma constante construção dentro dos espaços\tempos que estão inseridas. Scott (1995) coloca que o gênero dos sujeitos é construído dentro das relações sócio-culturais, sobre as diferenças atribuídas a cada sexo, dando e sendo significado através das relações de poder. Dessa forma, a produção de feminilidades pode ser reconhecida através das inúmeras interpelações que os corpos passam dentro dos espaços nas quais estão inseridos. Esses corpos são educados em diversos espaços, que identifico aqui como pedagógicos.

Essa forma de educar os sujeitos pode ser reconhecida como pedagogia cultural e não se limita ao processo de ensino-aprendizagem desenvolvido no ambiente escolar, mas compreende que a educação é realizada nos mais diversos espaços e utilizando inúmeros artefatos. Por conta disso, tomei como *lócus* para a realização desse estudo a rua e um sítio virtual, pois os compreendo como instrumentos para a educação dos corpos e dos gêneros dos sujeitos, produzindo diferentes maneiras de ser mulher na sociedade.

Em outras palavras, se aprende a ser mulher nos múltiplos espaços nas quais se está convivendo – na família, na escola, na igreja, na mídia de forma geral, na rua. Nesse sentido chamo a atenção para que o Largo Dr. Pio, a Avenida Rio Grande e o [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com) devem ser reconhecidos como espaços que atravessam os corpos dos sujeitos, disciplinando-os e criando diferentes normas para o comportamento.

Uma das maneiras de educar os corpos das mulheres que estão nesses espaços é a partir da utilização do *body modification*, que é considerado, neste trabalho, como o conjunto de técnicas de modificação corporal que marcam os corpos de forma irreversível. Algumas das técnicas que são recorrentes na sociedade são as tatuagens, os *piercings*, as escarificações, as nulificações, as bifurcações de língua, os *brandings*, os dilatadores de orelha, entre outros.

Dentro dessa perspectiva, com esse estudo tive como objetivo problematizar como são produzidas as feminilidades a partir da utilização de técnicas do *body modification* em dois espaços em que a pedagogia está atuando: na rua e no espaço virtual [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com).

Para poder dar conta de atender tal proposta, estruturei essa dissertação em três artigos, independentes um do outro, ou seja, com objetivos e métodos próprios, na qual pude problematizar questões que emergiram em cada estudo e que auxiliaria na composição dessa dissertação. Para tanto, enquanto estratégias metodológicas fui realizando um diálogo entre elementos da cartografia e da análise do discurso, sob a perspectiva foucaultiana, no sentido de que, para esse trabalho, uma complementou a outra, quando as demais possibilidades foram esgotadas.

No primeiro artigo, pude observar que existem muitas mulheres que apresentam as técnicas do *body modification* em seus corpos: algumas estão nesses espaços de passagem, outras trabalham comercializando bijuterias e artesanatos em geral e outras

utilizam determinadas técnicas para se adequar a alguma tribo e\ou para demarcar o seu espaço, as suas vontades. Dentre as técnicas recorrentes estão: as tatuagens, principalmente de borboletas, beija-flores, golfinhos, tribais; os *piercings* no umbigo, na sobrancelha, no nariz, nos lábios; além de dilatadores nos lóbulos das orelhas.

Para este artigo, me propus a pensar essas mulheres que utilizam o *body modification* a partir dos conceitos de conduta e contraconduta de Michel Foucault, isso porque algumas delas vão ao encontro do que é esperado para um corpo feminino, seguindo as normas que regulam os seus corpos e outras, no entanto, buscam distintas maneiras de conduzir as suas feminilidades, sendo que a ação de produzir modificações em seus corpos pode ser vista como uma espécie de resistência aos modos de conduta que são direcionadas para elas na sociedade contemporânea.

No segundo artigo que compõe esse trabalho, tive como objetivo analisar de que maneira são apresentadas as feminilidades a partir da *performance* de mulheres no sítio virtual *www.suicidegirls.com*. Nesse espaço pude perceber que alguns de seus freqüentadores e da comunidade no Orkut *Suicide Girls-BR* preconizam um rompimento com as normas legitimadas pela sociedade do que é ter um corpo belo e um corpo feminino, criando outras normas para se constituir feminina. Os mesmos ainda sugerem que as *Suicidegirls* são portadoras de feminilidades “anormais”, entretanto, não é possível demarcar o que é normal ou anormal para a produção de feminilidades, já que aquele espaço onde essas modelos expõem as suas *performances* está permeado por normas. Elas agem e expõe os seus corpos a partir das normas produzidas por elas mesmas e por aqueles atributos que elas e os responsáveis pela sitio virtual consideram que deve ser um corpo feminino e uma beleza *freak*.

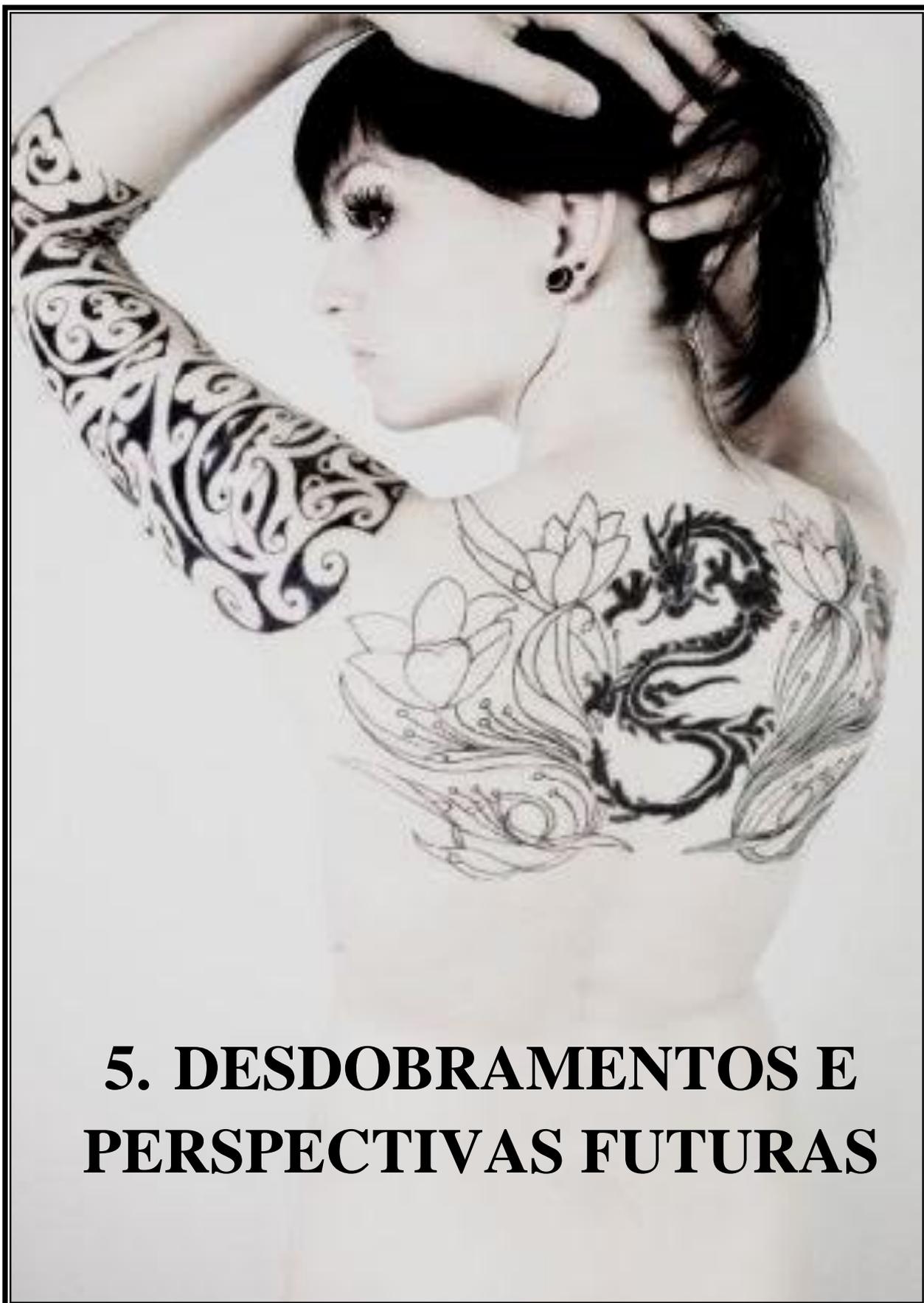
No último artigo, me volto novamente para a rua como o objeto do meu estudo e, a partir da análise dos discursos que as próprias mulheres adeptas do *body modification* produzem acerca dos seus corpos, procuro problematizar de que maneiras elas percebem os seus corpos e as suas feminilidades, a partir das técnicas do *body modification* que utilizam. Como instrumento para coleta de dados, utilizei cinco entrevistas não-estruturadas para que essas mulheres pudessem falar abertamente acerca das questões propostas.

No momento em que essas mulheres produzem os discursos sobre como percebem os seus corpos e as suas feminilidades, algumas reconhecem que não existem condutas

corretas para produzir as feminilidades, enquanto outras acreditam que existam sim comportamentos essencialmente femininos que devem ser seguidos na sociedade.

Além disso, nos relatos trazidos por elas pude perceber que, enquanto algumas reconhecem que as técnicas do *body modification* utilizadas produzem uma certa resistência, uma insurgência às normas que regulam as feminilidades e que produzem verdades absolutizadas do que é ser feminina, outras, no entanto, afirmam que as técnicas que apresentam em seus corpos são uma forma de acentuar os atributos associados às feminilidades tradicionais: um ser vaidoso, gentil, que apresenta o “dom de ser mãe”, em outras palavras, uma feminilidade esperada pela sociedade. Ou seja, embora utilizem mecanismos que possam remeter a uma contra conduta e a uma insurgência às normas, a feminilidades que estas mulheres buscam cunhar é aquela que a maioria dos discursos científicos e religiosos produziram ao longo dos anos como verdades para as mulheres.

Assim, com essa dissertação pude perceber que a utilização de *piercings*, tatuagens, dilatadores, escarificações e tantas outras técnicas do *body modification* até agora identificadas mostram que existem diferentes maneiras de se constituir feminina na sociedade. Algumas adeptas do *body modification*, tanto as que transitam em determinadas ruas da cidade do Rio Grande (RS) quanto aquelas que são modelos no [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com), preconizam, em alguns casos, um rompimento, uma resistência às maneiras de produzir as feminilidades, construindo outras formas de ser mulher, seguindo outras condutas, outros modelos para os seus corpos. No entanto, algumas das mulheres entrevistadas afirmaram que exista uma única conduta para o ser mulher, apresentam um discurso de que tais técnicas são meramente formas de potencializar as feminilidades legitimadas para elas.



## **5. DESDOBRAMENTOS E PERSPECTIVAS FUTURAS**

Considero que essa parte da escrita seja a etapa mais difícil de realizar, mas também a mais bela, pois é nesse momento que mais um ciclo se encerra, mesmo que a temática esteja longe de ser esgotada. Por isso, ao finalizar esse trabalho, escolho as palavras de Foucault (2009, p. 6), autor que me deixei envolver ao longo de toda essa caminhada do mestrado, seja no grupo de pesquisa, nas disciplinas escolhidas e principalmente na temática de estudo que permitiu que eu mantivesse esse efervescente diálogo. O autor coloca que:

gostaria de ter atrás de mim [...] uma palavra que dissesse: É preciso continuar, eu não posso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam – estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez me tenham levado ao limiar de minha história, diante da porta que se abre sobre minha história, eu me surpreenderia se ela se abrisse.

Esse excerto escolhido vai ao encontro de como me sinto nesse momento: com um trabalho que ainda está longe de ter um fim, pois a temática – estudos de gênero e *body modification* – a cada dia que passa me possibilita trilhar novos caminhos, apresentar novos olhares, pois, como afirmei ao longo da pesquisa, o tempo e o espaço modificam-se constantemente e, com isso, a minha forma de pensar e agir acaba sendo atravessada por essas mudanças.

O tempo está acabando e é necessário dar uma pausa nos meus estudos antes de continuar com novas trajetórias sobre as temáticas que vem me inquietando a todo o momento e que não foram possíveis de serem problematizadas nessa produção. Dessa forma, é necessário continuar pesquisando as técnicas do *body modification* e sua interface com a produção dos gêneros dos sujeitos.

Assim, sinto a necessidade de analisar de que maneiras essas técnicas vêm produzindo também as masculinidades. Esse seria, um dos objetivos possíveis desse trabalho, contudo, ao “descobrir” o sítio virtual [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com), percebi que fazer uma análise desse espaço seria mais proveitoso e fecharia um trabalho. Entretanto estava enganada, pois, mesmo me inserindo e problematizando algumas questões no [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com), vários questionamentos continuam em minha cabeça, misturando-se com conceitos e que podem vir, no futuro a ser explorados. Dessa forma, devido os caminhos que escolhi, acabei deixando para um estudo futuro as produções das masculinidades com as técnicas do *body modification*, bem como novas discussões sobre o [www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com).



## **6. REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

ARAUJO, Leusa. *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2005

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRANCO, Guilherme Castelo. Ontologia do presente, racismo, lutas de resistência, In: PASSOS, Izabel C.Friche. *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>.> Acesso em: 16 de julho de 2009.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

COUTO, Edvaldo Souza. Uma estética para corpos mutantes, In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpos mutantes: ensaios sobre as novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo: a ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

FONSECA, Márcio Alves. Entre monstros, onanistas e incorrigíveis: as noções de “normal” e “anormal” nos cursos de Michel Foucault do Collège de France, In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder, In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, NAU, 1996.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. Ditos e escritos IV. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população*. curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2009.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação, In. SILVA, Tomaz Tadeu. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: vozes, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo, In: In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HENNING, Paula. Profanando a ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades. In: *Revista Currículos sem Fronteiras*, v. 7, nº 2, jul/dez 2007.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação, In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papyrus, 2007.

LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, Jaqueline. *Tudo menos ser gorda*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003a.

\_\_\_\_\_. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos, In: *Movimento Porto Alegre*, v.9, n. 3, p.33-58, set./dez. de 2003b.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução, In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: vozes, 2005

NUNES, Claudio Ricardo Freitas; GOELLNER, Silvana Vilodre. O espetáculo do rinque e a potencialização de eficientes corporais, In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpos mutantes: ensaios sobre as novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008

PIRES, Beatris Ferreira. *O corpo como suporte da arte*. São Paulo: Senac, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SABINO, César e LUZ, Madel. Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença. In: *Physis: Revista Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: 16 (2):251-272, 2006.

SANT' ANNA, Denise. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil, In: SANT' ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do corpo*. São Paulo: Liberdade, 2005.

SANT' ANNA, Denise. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANTIAGO, Jesús. Foucault e o neo-higienismo contemporâneo, In: PASSOS, Izabel C. Friche. *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, In: *Educação e Realidade: Gênero e educação*. Porto Alegre:UFRGS, jul/ dez 1995

SILVA, Méri Rosane Santos. Cutting, Piercings, Tatuagens, Dopning: (re) significando os corpos, In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Méri Rosane Santos; RIBEIRO, Paula Regina da Costa. *Corpo, Gênero, sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: FURG, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

SOARES, Guiomar Freitas. Da invisibilidade a cidadania: um estudo sobre as identidades de gênero, In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Méri Rosane Santos; RIBEIRO, Paula Regina da Costa. *Corpo, Gênero, sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: FURG, 2006.

SWAIN, Tania Navarro. Identidade nômade: heterotopias de mim, In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis B. Lacerda; NETO, Alfredo Veiga. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

## 6.1. Outras referências

[www.suicidegirls.com](http://www.suicidegirls.com), acesso em novembro de 2009;

[www.orkut.com](http://www.orkut.com), acesso em novembro de 2009;

[http://blog.uncovering.org/archives/2007/06/suicide\\_girls\\_o.html](http://blog.uncovering.org/archives/2007/06/suicide_girls_o.html), acesso em novembro de 2009.

[www.riograndevirtual.com.br](http://www.riograndevirtual.com.br), acesso em 16 de julho de 2009.

[www.balneáriocassino.com.br](http://www.balneáriocassino.com.br), acesso em 16 de julho de 2009.

<http://www.newscientist.com>, acesso em 20 de junho de 2009.

[www.zitosloko.blogspot.com](http://www.zitosloko.blogspot.com), acesso em 21 de junho de 2009.

*www. zitosloko.blogspot.com*, acesso em 21 de junho de 2009.

*www.bmazine.com*, acesso em 21 de junho de 2009.

*http://www.fotolog.com/bocadelata*, acesso em 21 de junho de 2009.

*www.bmazine.com*, acesso em 21 de junho de 2009.

*www.frrrekGuys.com*, acesso em 21 de junho de 2009.

*http://alebodart.blogspot.com*, acesso em 21 de junho de 2009.

*http://th06.deviantart.net*, acesso em 21 de junho de 2009.

*www. zitosloko.blogspot.com*, acessado em 21 de junho de 2009.



## 7. ANEXO

**QUESTIONÁRIO: AS VONTADES DE VERDADE: FEMINILIDADES  
PRODUZIDAS PELAS MULHERES A PARTIR DO *BODY MODIFICATION***

1. *Qual a sua concepção de corpo?*
2. *O que é ser mulher para você?*
3. *Ser feminina está associado a quê?*
4. *Para você, existe uma conduta para viver a feminilidade?*
5. *Existe uma forma específica de ser mulher? Por quê?*
6. *Qual a relação entre corpo e feminilidade?*
7. *Conhece o conceito *body modification*?*
8. *As marcas do *body modification* que apresentas no corpo são maneiras de potencializar uma feminilidade? Como descreveria essa feminilidade?*
9. *Onde estão e quais são essas marcas?*
10. *Por que a escolha dessa(s) marca(s) e não outra e nesse(s) lugar(s) do corpo?*
11. *Há quanto tempo possui a marca? Algum arrependimento?*
12. *Essa(s) marca(s) faz (em) parte de alguma tribo\ grupo?*